

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO:

*ESPAÇOS ACADÊMICOS DE LEGITIMAÇÃO DO SABER DE
OFÍCIO.*

RAFAEL CARVALHO DA NÓBREGA

RECIFE, 2006

RAFAEL CARVALHO DA NÓBREGA

FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO:

*ESPAÇOS ACADÊMICOS DE LEGITIMAÇÃO DO SABER DE
OFÍCIO.*

Dissertação apresentada, à Banca Examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas.

RECIFE, 2006.

N754f

Nóbrega, Rafael Carvalho da

Formação do psicólogo : espaços acadêmicos de legitimação do saber de ofício / Rafael Carvalho da Nóbrega ; orientador Marcus Túlio Caldas, 2009.

123 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Pró-reitoria Acadêmica. . Curso de Mestrado em Psicologia Clínica: práticas psicológicas em instituições, 2006.

1. Psicologia clínica. 2. Formação profissional. 3. Psicólogos.
I. Título.

CDU 159.9

RAFAEL CARVALHO DA NÓBREGA

FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO:

ESPAÇOS ACADÊMICOS DE LEGITIMAÇÃO DO SABER DE OFÍCIO.

Dissertação apresentada, à Banca Examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Data de aprovação ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

PROF^a.DR^a. HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO - USP

PROF^a.DR^a. ANA LÚCIA FRANCISCO - UNICAP

PROF. DR. MARCUS TÚLIO CALDAS - Orientador

RECIFE, 2006.

DEDICATÓRIA

À minhas irmãs, Gabriela e Janne, que sempre acreditaram em mim, até quando eu mesmo desacreditava. O amor, carinho e paciência dedicados por elas foram fundamentais neste período de minha vida. E à minha mãe Natércia com a lembrança e a saudade de nosso companheirismo.

AGRADECIMENTOS

A minha avó Neuza Nóbrega, segunda mãe, pelo amor, carinho, atenção e zelo que sempre me dedicou, confortando e apoiando nos momentos mais importantes;

A meu Pai, Rubert Nóbrega, pelo incondicional incentivo e preocupação comigo neste e em todos os outros desafios a que me lancei, aconselhando e confiando mesmo ao discordar das escolhas tomadas;

A todos os meus familiares pelo apoio e confiança depositados;

A Nicéas, pela disponibilidade constante, cuidado e atenção e destreza prestados nos momentos mais inusitados;

Aos ex-professores, hoje grandes amigos, que fazem parte do Corpo Docente da Católica/Pe, pelo reconhecimento e credibilidade conferidos durante todo o meu percurso acadêmico;

A Profa. Dra. Zélia Maria de Melo, pos sempre se apresentar disponível e interessada em ajudar no que estivesse a seu alcance;

A Heloisa Antonelli Aun, a Helô, pelo carinho, apoio e incentivo constantes tanto na fria distância de sua terra quanto no calor carnavalesco da minha;

A Kelly Florêncio Trigueiro pelo carinho com que cuidou de questões tão delicadas e prontidão ao solicitar sua ajuda;

A Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco, por sua constante disponibilidade, seu cuidado e atenção delegados a mim desde a graduação, incentivando meu crescimento profissional e acadêmico;

A Paula Galvão pela delicadeza, presteza e disponibilidade nos momentos que sua presença foi importante;

A Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato, provocadora infalível, promotora de situações legitimamente transformadoras, por me convocar a buscar em mim o caminho a ser percorrido, pelo carinho cuidadoso, preocupado e atento que apesar da distância não nos deixa separados;

A Profa. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, pelo incentivo, disponibilidade e confiança transmitidos de forma afetuosa e acolhedora que me permitiram vislumbrar a sutileza de sua força;

Ao Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas, pela coragem, acolhimento e disponibilidade nos momentos decisivos dessa jornada, além do apoio e confiança depositados, que me lançou na disposição necessária para a realização deste trabalho;

A "Tio" Silvio e "Tia" Mila, amigos queridos sempre presentes e dispostos a ajudar no que for necessário;

A Pedro Renan, por sua avidez e presteza quando solicitado;

A todos os participantes deste trabalho que proporcionaram, direta ou indiretamente, a concretização do mesmo.

A toda "família" Maracatu Batuque Estrelado que serviu de abrigo e fonte de energia para enfrentar a aridez do caminho.

RESUMO

Este Trabalho se propôs problematizar como a formação em Psicologia contempla espaços para o aluno de Psicologia perceber sua apropriação do saber de ofício, bem como sua legitimação. Partindo de considerações sobre a História da Psicologia e da formação de Psicólogos, chegamos a abordar temas como Aprendizagem Significativa e Conhecimento Tácito. Através da perspectiva Fenomenológica Existencial, desenvolvemos uma pesquisa com alunos de Graduação em Psicologia, oriundos de duas das mais bem conceituadas Instituições de Ensino Superior do Estado de Pernambuco. Tal pesquisa proporcionou, através de suas narrativas, compreender suas experiências acerca de seus modos de incorporação, apropriação e legitimação do saber de ofício desta profissão. Por fim, estas compreensões nortearam reflexões sobre a formação em Psicologia e seus espaços de legitimação, além de sugerir novas propostas que possam contribuir para a formação profissional, dentro e fora do circuito acadêmico.

Palavras-chave: Formação em Psicologia - Aprendizagem Significativa - Saber de Ofício.

ABSTRACT

This Work intends to interrogate how Psychology achievements contemplate places for the student to perceive his own appropriation in his *métier* knowledge as well as his legitimacy. Departing from some considerations about the history of Psychology and its academic path, we approach themes as significative learning and tacit knowledge. Through the existential phenomenological perspective, we develop a research with Psychology undergraduate students, coming from two of the most important Universities of Pernambuco State in Brazil. Such investigation permitted, through a narrative mode, to comprehend the students' experiences concerned to their modes of incorporating, appropriating and legitimating the *métier* knowledge of such profession. Finally, those comprehensions directed some reflexions about how Psychology achievements occur and what are the places for such legitimacy, besides to offer new proposes that may contribute for professional developments, either within or out the academic endeavors.

Key-words: Psychology achievements - Significative Learning - *Métier* Knowledge

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	11
2	FORMAÇÃO ACADÊMICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	19
3	IDAS E VINDAS NO PERCORRER.....	39
4	ENCONTROS E COMPREENSÕES.....	50
4.1	Compreendendo os encontros com Penha.....	52
4.1.1	Primeiro Encontro.....	52
4.1.2	Segundo Encontro.....	75
4.2	Compreendendo os Encontros com Graça.....	84
4.2.1	Primeiro Encontro.....	84
4.2.2	Segundo encontro.....	115
4.3	Compreendendo o Encontro com Jade.....	127
4.4	Compreendendo o Encontro com Vinícius.....	135
5	REFLEXÕES PARA FORMAÇÃO.....	145
	REFERÊNCIAS.....	153

1 APRESENTAÇÃO

Este Trabalho é o resultado de uma inquietação que permeou boa parte de minha formação como psicólogo. Portanto, para introduzir a principal questão discutida, aqui, contarei um pouco deste percurso.

Antes mesmo da decisão de ingressar na faculdade de Psicologia sempre me interessei pelos aspectos emocionais do ser humano, seja dele consigo mesmo, seja com os outros, sua forma de pensar, de ver a vida e a própria existência, aspectos da vida humana que me intrigavam e que fazem parte do universo de preocupação da ciência psicológica.

Desde muito jovem já me envolvia em processos terapêuticos em grupo, posteriormente em atividades individuais e psicoterapia. Sempre com o estímulo entusiasmado de meu pai Rubert Nóbrega, médico e terapeuta corporal, constantemente envolvido com estas práticas, também.

Com o tempo tive a oportunidade de ter um maior contato com psicólogos e terapeutas amigos e colegas de meu pai que me influenciaram e estimularam quanto às suas práticas profissionais; achava muito interessante o trabalho que desenvolviam com seus clientes e grupos, sendo, muitas vezes convidado, a participar destas atividades, nas quais comparecia com frequência.

A partir destas situações comecei a me questionar e ser questionado quanto ao interesse Em ingressar no curso de Psicologia, já que reconhecia em mim habilidades interessantes para a prática desta profissão.

Assim, depois de outras incursões pesquisando meu possível interesse por outras profissões, realmente me decidi pela Psicologia. Com esta decisão tomada começou a crescer em mim uma expectativa pelo inicio do curso universitário. Passada a

fase do vestibular, acreditava que estava prestes a iniciar o meu trajeto rumo ao exercício deste ofício. Acreditava que a Universidade seria o espaço para desenvolver as habilidades que já reconhecia em mim e, ao mesmo tempo, aprenderia conceitos e teorias que proporcionassem consistência às atividades que, futuramente, serviriam de base ao exercício profissional ampliando o horizonte para este exercício.

Toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço. De forma que o conhecimento, seja pensamento ou invenção, não cessa de passar de um lugar mestiço à outro, se expondo sempre portanto, e aquele que conhece, pensa ou inventa logo se torna um passante mestiço. (SERRES, 1993, p. 19-20)

Porém, ao iniciar o curso, após um período de euforia frente ao novo, logo fui percebendo que algo me incomodava. Que aquilo que buscava não estava tão à mão. Os encontros com situações que objetivassem o desenvolvimento de minhas habilidades vieram a acontecer, porém mais tarde do que esperava e com uma frequência bem menor do que eu imaginava. O que encontrava, no decorrer do curso, era uma avalanche de teorias sobre um ser humano que só reconhecia através de uma abstração. Aqui e ali surgiam várias teorias sobre os mais variados aspectos da vida humana (seu desenvolvimento, comportamento, emoções, personalidade) que, muitas vezes, se opunham e/ou refutavam umas às outras. Isto gerava em mim um sentimento de desconfiança e dúvida com relação aos caminhos a serem seguidos no percurso dentro da academia. Posteriormente, ao aprofundar os conhecimentos acerca da história da Psicologia, seu modo de constituição e os pilares do pensamento psicológico, descobri que estas idas e vindas teóricas eram próprias à Psicologia de um modo geral.

A Psicologia, na verdade, está originada em torno de interesses práticos e cognitivos distintos e na forma de comunidades e subcomunidades teóricas e

profissionais, relativamente autônomas, com seus órgãos de publicação, seus congressos, seus institutos de formação bastante independentes uns dos outros. A tarefa de uma formação única e uniforme, está, portanto, em franca oposição à realidade do nosso campo. (FIGUEIREDO, 2004, p.174)

Esta situação implicava em uma sensação de vazio em relação ao fato de estar em formação, ou seja, estar me preparando para a ação profissional. O exercício, a prática, o treino profissional estavam muito aquém das reflexões sobre o ser humano, suas emoções, comportamentos e relações com o outro e com o mundo.

O curso que estava realizando era estruturado com uma franca maioria de disciplinas teóricas; o aspecto prático, ou seja, a idéia de praticar e desenvolver habilidades não eram contemplados na maior parte do tempo em que eu estava no ambiente acadêmico, provocando-me uma sensação de apatia, também compartilhada com os colegas de formação. Quem dispunha de tempo e, algumas vezes, recursos, buscavam fora do ambiente acadêmico alternativas para exercitar suas habilidades, chegando, em alguns casos, a encontrar estágios que proporcionassem práticas independentes de seu período universitário. E essa sensação de apatia me acompanhou por algum tempo na formação.

Alguns anos depois chegou o momento de cursar o estágio curricular obrigatório. No meu caso, este estágio foi realizado no próprio ambiente acadêmico, ou seja, na Clínica de Psicologia da Universidade, assim como para a maioria dos colegas do curso de Psicologia. Compartilhamos uma sensação de que não fazíamos a menor idéia do que eu faria quando chegasse o meu momento de agir no lugar de psicólogo. Vale ressaltar que esta sensação era considerada por todos, alunos e professores, como "normal", algo que era "assim mesmo". Esta circunstância me levava ao questionamento de que se era assim mesmo, por que esperar 4 anos? Não poderíamos ter feito algo

antes? Começava a crescer em mim o interesse pela relação entre práticas psicológicas e a formação em psicologia.

Passeia me interessar por trabalhos como o de Carvalho, Bacchi & Kóvacs (1999) que elucidam a ênfase curricular em conteúdo informativo e teórico, tendendo a dificultar uma apropriação mais consistente, por parte do aluno, de seu saber de ofício, reconhecendo que esta questão que me mobilizava era digna de uma reflexão mais profunda.

Continuando a minha formação no sentido de desenvolver o saber de ofício, procurei manter contato com os profissionais de Psicologia desde o meu próprio trabalho pessoal, até cursos, oficinas e workshops realizados fora do ambiente acadêmico. Este caminho foi, no meu entender, a maneira que encontrei para exercitar e desenvolver minhas habilidades no sentido da prática psicológica que emergiria em breve. Ao iniciar o estágio obrigatório, não foi fácil desempenhar as atividades, mas, enfim, era a hora de fazer, errar e aprender.

Cada vez mais sentia um abismo entre o que eu buscava fazer ao iniciar o trajeto rumo a me tornar psicólogo e o que estava fazendo ali. Houve vários momentos de questionamentos e incertezas compartilhadas com os amigos que passavam pelo mesmo processo.

Neste ponto fui em busca de uma ex-professora¹ que havia deixado uma marca em mim alguns anos antes. Além de ter uma vasta e reconhecida experiência no campo da prática psicológica, o que mais me chamou a atenção foi a relação pessoal que estabeleci com ela naquele momento do curso. A confiança e acolhimento proporcionado pelo seu modo de estar conosco abria espaço para que eu falasse de minhas dificuldades e todos os questionamentos que estava experienciando naquele momento de minha vida. Solicitei que me aceitasse como seu supervisionando na clínica da universidade,

¹ Professora Patrícia Walerstein Gomes, Mestra em Psicologia Clínica (UNICAP), professora-supervisora da Clínica de Psicologia Manoel de Freitas Limeira – UNICAP.

fui aceito por ela, assim como outros alunos iniciantes no estágio, e foi nesta atmosfera de confiança e acolhimento que começamos o trabalho de supervisão.

Durante esse período de estágios na clínica-escola, dediquei-me a todas às práticas disponíveis com as quais eu me percebia identificado: atendimento individual e em grupo. Porém o momento de supervisão se configurava como o grande espaço onde a multiplicidade dos acontecimentos convergia no sentido de tecer todo o conhecimento apresentado nos anos anteriores em um saber de ofício. Freqüentei assiduamente o espaço de supervisão, pois era ali onde os ensinamentos, em todos os níveis, ganhavam um sentido de fazer-saber-fazer, diferentemente a uma idéia de saber-fazer, ou melhor, saber-saber, pois até então eu não sabia fazer; eu só sabia saber. A supervisão era um espaço de a-com-tecimento, de tecer-com os colegas, tecer-com a supervisora, tecer-com os clientes o meu saber de ofício.

O espaço da supervisão se apresentou para mim como algo completamente novo, desde o formato das discussões, pelo qual todos ouviam, intervinham e sugeriam em todos os casos expostos, até a postura da supervisora. Mesmo pontuando, orientando e explicitando nossas intervenções, sua postura era de que todos eram profissionais ali, independente do fato dela ter mais tempo de experiência e ser uma profissional respeitada, pois muitas vezes acatava nossas intervenções e sugestões. Por vezes dava-se conta de que nós, alunos, percebíamos coisas que ela não percebia; por outras, era continente e orientava um caminho mais adequado, quando não o encontrávamos sozinhos. Isso nos incutia um grau de responsabilidade e segurança necessário à variedade de situações com as quais poderíamos nos deparar na prática profissional. Além disso, éramos convocados ao cuidado de nós mesmos. Havia momentos de intervenção visando nosso próprio modo de ser, nosso desenvolvimento pessoal dado que somos o

próprio instrumento de nosso trabalho. Este espaço se configurou como um lugar muito mais significativo que uma simples obrigação curricular.

Estar neste espaço, ao menos para mim, constituiu uma situação, ou seja, uma ação situada, que promoveu, ao mesmo tempo, a aprendizagem de maneira significativa e a legitimação do saber de ofício desta profissão.

Partindo desta experiência, marcante em minha formação e fonte de tantos questionamentos que ainda perduram, uma questão foi elaborada para ser o fio condutor desta pesquisa. Elegemos como foco de investigação conhecer os espaços de acontecimento e legitimação do saber de ofício aprendido na formação acadêmica, ou seja, esta pesquisa busca compreender **como os alunos de Psicologia, através de sua experiência, percebem os espaços acadêmicos e quais desses espaços se constituem como locais de incorporação e legitimação do saber de ofício aprendido na faculdade.**

2 FORMAÇÃO ACADÊMICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Refletir sobre a formação em Psicologia consiste no desafio de articular diversas questões, envolvendo desde a relação entre alunos e professores no processo ensino/aprendizagem, até a multiplicidade dos conceitos, teorias e sistemas psicológicos e suas possibilidades de aplicação prática, além da integração do campo científico e profissional próprios da Psicologia.

Figueiredo (2004) ressalta que um dos principais aspectos que dificultam este tipo de reflexão deve-se à própria amplitude do que consiste o psicológico e de sua multiplicidade teórica, metodológica, filosófica e prática. É neste terreno múltiplo e mestiço que iremos caminhar ao longo deste trabalho.

A Psicologia foi marcada, desde seu nascimento, por uma gama de saberes constituído ao longo de sua história que levaram à organização de escolas e comunidades psicológicas distintas, cada uma buscando legitimar sua pertinência teórica e científica. Neste caminho, aconteceram, e ainda acontecem, divergências, polêmicas, que variam desde seu objeto de investigação até as metodologias adotadas para tal.

Considera-se seu nascimento, como ciência independente, na segunda metade do século XIX, ancorada no positivismo cartesiano, marcante neste momento da história do pensamento ocidental e no projeto científico da modernidade. Neste contexto a única via de acesso para a verdade das coisas só poderia ser alcançada pela observação controlada dos fenômenos investigados, garantidas pela racionalidade técnica, ou seja, um pensamento onde

[...] as idéias erradas seriam descartadas; as incertas seriam igualmente descartadas, ao menos

provisoriamente; somente idéias absolutamente claras e distintas poderiam ser consideradas verdadeiras e servir de base para a filosofia e as ciências. (FIGUEIREDO & SANTI, 2003, p. 29).

Foi neste contexto que o Dr. Wilhelm Wundt inaugura, em 1879, na Universidade de Leipzig, Alemanha, o primeiro Laboratório de Psicologia, possibilitando também criação de Centros de Ensino e Desenvolvimento deste novo ramo do conhecimento situado entre as ciências naturais e humanas. Em alguns momentos lançando mão de métodos experimentais, que se desenvolveram no caminho da Psicologia Experimental e do Comportamento, em outros propondo a análise de fenômenos culturais, abrindo espaço para a Psicologia Social e a Psicossociologia, por exemplo.

É interessante observarmos como o caráter multidisciplinar já estava contemplado neste momento inicial da ciência psicológica, caráter que, por vezes, passa despercebido ao se abordar este momento histórico na formação em Psicologia, dada à supremacia das chamadas *Ciências Fortes*². Wundt, via de regra, é mais referendado pelos seus avanços no âmbito da Psicologia Experimental Fisiológica, inclusive pela ênfase nesta área ter sido mais intensamente desenvolvida e aprofundada por um de seus seguidores, Edward E. Tichener, conferindo legitimidade à Psicologia frente à comunidade científica da época. Entretanto, Wundt propunha igual importância ao estudo dos fenômenos sociais, ou, no seu entender, a Psicologia dos Povos, lançando mão de métodos comparativos da Antropologia e da Filologia.

Outro aspecto importante no pensamento de Wundt, e também pouco abordado, foi sua preocupação com a experiência imediata dos sujeitos, sem se deter, no entanto, às diferenças entre os mesmos, porém, já sugerindo que a experiência humana devesse

² Figueiredo (2004, p. 33), refere Ciências Fortes aquelas oriundas de “uma epistemologia que tome para si a responsabilidade pela normatização e avaliação do conhecimento, funcionando como uma espécie de rectora e juíza do conhecimento que mereceria ser tomado como válido.”

ser objeto da Psicologia. Vale ressaltar que o que ele chama de experiência imediata estaria mais ligado à noção de vivência, por considerar que

A experiência imediata é a experiência tal como o sujeito a vive antes de se por a pensar sobre ela, antes de comunicá-la, antes de 'conhecê-la'. É, em outras palavras, a experiência tal como ela se dá (FIGUEIREDO & SANTI, 2003, p. 58-59, aspas do autor).

Nesse sentido, pode-se dizer que Wundt já indicava a preocupação com uma possível vivência anterior a qualquer processo reflexivo acerca dela. Talvez caiba refletir-se em que medida vivência, neste contexto, diria respeito à responsividade afetiva do homem: responder ao que se lhe apresenta sendo afetado, ou seja, disposição à afetação.

Wundt já parecia, também, implicar uma interessante noção de subjetividade para sua época, compreendendo-a como um "entre" o indivíduo e a sociedade. Contudo, foi justamente essa uma das maiores críticas ao seu pensamento: tendo em vista o modelo vigente de ciência, ele teve dificuldade ao procurar "unir os dois enfoques metodológicos e juntar duas imagens de homem num conceito de 'unidade psicofísica'" (FIGUEIREDO & SANTI, 2003, p. 61, aspas do autor). Assim, sua perspectiva perdeu força e muitos de seus seguidores o abandonaram, levando a Psicologia ao seu primeiro momento de crise e fragmentação. De certa forma, esta fragmentação se perpetua até a atualidade, pois, a partir deste momento, foram sendo elaboradas propostas teórico-metodológicas para a investigação do psicológico, a cada tempo elencando um aspecto que definiria o psíquico e uma via de acesso a ele, o que levou ao desenvolvimento de escolas e comunidades dentro do universo da ciência psicológica. Quanto a isso Figueiredo (2004, p. 32) considera a psicologia como

Um espaço de dispersão teórica e prática que, ao mesmo tempo que conserva alguma unidade, abriga em seu seio uma pluralidade aparentemente caótica de ocupantes: refiro-me, obviamente, aos diferentes e muitas vezes antagônicos sistemas psicológicos.

No Brasil, a profissão de psicólogo foi regulamentada em 1962, através da lei 4.119 de 27/08/1962, dispondo sobre a formação e a profissão de psicólogo, regulamentando, assim, a profissão e a formação acadêmica, nosso interesse neste trabalho. Naquele momento já existiam alguns cursos de graduação e especialização em Psicologia e, inclusive, desde 1954, a Associação Brasileira de Psicólogos. Em 1963, o Conselho Federal de Educação instituiu o primeiro currículo mínimo oficial, amparando a formação e legitimando a prática dos psicólogos no país, que, segundo Rocha Jr. (1999) já era desenvolvida em instituições, com práticas mais voltadas à doença mental e ao ajustamento educacional. A prática em consultórios particulares era ainda um tanto restrita naquele momento.

Os psicólogos que já atuavam, tanto nas instituições referidas quanto os que lecionavam nas universidades já existentes, consistiam, em boa parte, de profissionais que buscaram formação no exterior, quando não, de pessoas com formação em áreas afins como filosofia, pedagogia e ciências sociais, o que reafirma o caráter múltiplo deste a construção deste campo do saber. A partir desta regulamentação, os centros de formação acadêmica se desenvolveram de forma surpreendente, sobretudo nas áreas de Clínica e Psicometria, dada à demanda social vigente.

A primeira turma de Psicologia a se formar no Brasil concluiu a graduação em 1960, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, abrindo o caminho para o desenvolvimento de especializações, tanto voltadas para a prática quanto para aprimoramento acadêmico, teórico e/ou científico. O território da formação se se ampliava e novos

cursos de graduação e pós-graduação surgiram, fomentando questionamentos e possibilidades frente à realidade brasileira. Contudo, em 1964, com a instalação do regime militar no país, a Psicologia, assim como outros campos das ciências humanas, enfrentaram dificuldades no seu trajeto. Através do Ministério da Educação, o Governo Militar impôs normas e mudanças curriculares.

Estas mudanças, aparentemente sutis, baseavam-se, principalmente, na valorização de disciplinas próprias das Ciências Biológicas, em detrimento daquelas vinculadas às Ciências Humanas, especialmente, a "Filosofia" e a "Sociologia". (ROCHA JR., 1999, p. 04).

Esta mudança curricular contribuiu para dar um caráter mais funcionalista e biológico à ciência psicológica em detrimento aos aspectos oriundos das ciências humanas, marcando significativamente a formação do psicólogo brasileiro.

A partir de 1969, com a reforma universitária, houve um aumento expressivo no número de faculdades particulares de um modo geral, o que não foi diferente para os cursos de Psicologia. Independentemente disso, desde a criação do primeiro currículo oficial em 1963, os psicólogos já se mostravam marcados por uma insatisfação com sua formação acadêmica, o que serviu de fonte para dois fenômenos curiosos. De um lado houve a criação de centros, sociedades e comunidades independentes, com a intenção de complementar a formação acadêmica através de cursos e formações especializadas; e, de outro, uma constante discussão acerca de reformulações nos programas acadêmicos nos cursos de graduação em Psicologia acontecia.

Dentre esses vários momentos históricos nessa busca de uma formação acadêmica mais integrada e completa, dois apresentam-se como mais marcantes: o primeiro, na década de 70, não passou de um acréscimo e ajuste de algumas disciplinas; o

segundo, iniciado em 1991, com discussões mais pertinentes em torno da formação profissional mais fundamentalmente, levou a uma série de encontros, convenções e resoluções que culminaram na elaboração e homologação da Resolução nº 8, de 7 de maio de 2004 do Conselho Nacional de Educação, instituindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia. Elas resultam de uma vasta gama de discussões, convenções, reuniões, encontros regionais e nacionais que, ao longo dos últimos 15 anos orientaram, seja total ou parcialmente, a formação acadêmica do psicólogo no Brasil, bem como nos servem de terreno para compreendermos o atual modelo que propõe formar psicólogos no país.

A resolução nº 8 se propõe a aproximar a Psicologia à realidade da profissão, além de garantir o desenvolvimento e a adequação dos cursos às possíveis transformações no campo científico/profissional que venham a ocorrer futuramente. "A nova legislação teria, não só que refletir o impacto desses eventos como assegurar o grau de liberdade para desenvolvimentos futuros." (BRASIL, 2001, p. 01).

Atualmente é exigido oferecer o que se chamou de *núcleo comum de formação*, visando, através dele, conferir identidade aos cursos de Psicologia de todo o país através de um conjunto de competências, habilidades e conhecimentos. Em nossa compreensão, é neste ponto onde começa o desafio de formar psicólogos.

As diretrizes pretendem que o núcleo comum prepare o aluno para analisar o campo de atuação profissional e seus desafios contemporâneos, analisar o contexto em que atua profissionalmente em suas dimensões institucional e organizacional, identificar e analisar necessidades de natureza psicológica, diagnosticar, planejar e intervir de forma coerente com referenciais teóricos, formular questões de investigação científica vinculando-as a decisões metodológicas quanto à escolha, coleta e análise de dados em projetos de pesquisa, com conseqüente seleção e utilização de instrumentos e procedimentos de coletas de dados.

Pretendem, ainda, que o psicólogo formado seja capaz de diagnosticar, avaliar e atuar em problemas humanos de ordem cognitiva, comportamental e afetiva, coordenar e manejar processos grupais, atuar inter e multidisciplinarmente, realizar orientação, aconselhamento psicológico e psicoterapia, levantando questões teóricas e de pesquisa e gerando conhecimentos a partir de sua prática profissional. O psicólogo deve, outrossim, ser capaz de elaborar relatos científicos, pareceres e laudos técnicos, apresentar trabalhos e discutir idéias em público. (BRASIL, 2004a, p. 03)

Estas são as atividades que, segundo a resolução, todos os psicólogos, sem restrição, devem estar aptos a exercer ao concluírem suas graduações. Para tanto, as diretrizes determinam um conjunto de competências básicas, apoiadas em uma série de habilidades que devem ser desenvolvidas ao longo do curso. Espera-se que os centros formadores estejam aptos a proporcionar espaços para desenvolver tais competências e habilidades, definidas em seus artigos 8 e 9, a seguir:

Art. 8º As *competências* reportam-se a desempenhos e atuações requeridas do formado em Psicologia, e devem garantir ao profissional um domínio básico de conhecimentos psicológicos e a capacidade de utilizá-los em diferentes contextos que demandam a investigação, análise, avaliação, prevenção e atuação em processos psicológicos e psicossociais, e na promoção da qualidade de vida. São elas:

- a) Analisar o campo de atuação profissional e seus desafios contemporâneos;
- b) Analisar o contexto em que atua profissionalmente em suas dimensões institucional e organizacional, explicitando a dinâmica das interações entre os seus agentes sociais;
- c) Identificar e analisar necessidades de natureza psicológica, diagnosticar, elaborar projetos, planejar e agir de forma coerente com referenciais teóricos e características da população-alvo;
- d) Identificar, definir e formular questões de investigação científica no campo da Psicologia, vinculando-as a decisões metodológicas quanto à escolha, coleta, e análise de dados em projetos de pesquisa;
- e) Escolher e utilizar instrumentos e procedimentos de coleta de dados em Psicologia, tendo em vista a sua pertinência;

- f) Avaliar fenômenos humanos de ordem cognitiva, comportamental e afetiva, em diferentes contextos;
- g) Realizar diagnóstico e avaliação de processos psicológicos de indivíduos, de grupos e de organizações;
- h) Coordenar e manejar processos grupais, considerando as diferenças individuais e sócio-culturais dos seus membros;
- i) Atuar inter e multiprofissionalmente, sempre que a compreensão dos processos e fenômenos envolvidos assim o recomendar;
- j) Relacionar-se com o outro de modo a propiciar o desenvolvimento de vínculos interpessoais requeridos na sua atuação profissional;
- k) Atuar profissionalmente, em diferentes níveis de ação, de caráter preventivo ou terapêutico, considerando as características das situações e dos problemas específicos com os quais se depara;
- l) Realizar orientação, aconselhamento psicológico e psicoterapia;
- m) Elaborar relatos científicos, pareceres técnicos, laudos e outras comunicações profissionais, inclusive materiais de divulgação;
- n) Apresentar trabalhos e discutir idéias em público;
- o) Saber buscar e usar o conhecimento científico necessário à atuação profissional, assim como gerar conhecimento a partir da prática profissional.

Art. 9º As *competências*, básicas, devem se apoiar nas *habilidades* de:

- a) Levantar informação bibliográfica em indexadores, periódicos, livros, manuais técnicos e outras fontes especializadas através de meios convencionais e eletrônicos;
- b) Ler e interpretar comunicações científicas e relatórios na área da Psicologia;
- c) Utilizar o método experimental, de observação e outros métodos de investigação científica;
- d) Planejar e realizar várias formas de entrevistas com diferentes finalidades e em diferentes contextos;
- e) Analisar, descrever e interpretar relações entre contextos e processos psicológicos e comportamentais;
- f) Descrever, analisar e interpretar manifestações verbais e não verbais como fontes primárias de acesso a estados subjetivos;
- g) Utilizar os recursos da matemática, da estatística e da informática para a análise e apresentação de dados e para a preparação das atividades profissionais em Psicologia. (BRASIL, 2004b, p. 02-03)

Além do *núcleo comum de formação*, que consiste na base de formação dos psicólogos, as diretrizes definem ainda, no seu artigo 10, as *ênfases curriculares*, concebidas como orientações para a inserção profissional, contemplando a multiplicidade teórica e prática mencionada anteriormente, estabelecendo-se para cada curso a oferta de, no mínimo, duas ênfases. Levando em conta a gama de possibilidades de atuação da psicologia hoje, as diretrizes não determinam ênfases específicas definindo, apenas, normas para sua escolha, detalhamento, concepção e estrutura, que devem ser espelhadas no projeto curricular de cada curso. Mesmo assim, a resolução elenca, a título de exemplos, algumas possíveis ênfases curriculares: Psicologia e processos de investigação científica; Psicologia e processos educativos; Psicologia e processos de gestão; Psicologia e processos clínicos, entre outras. Deixando aberto o espaço para criação de novas ênfases à medida que novas demandas possam se apresentar.

Além disso, as diretrizes determinam critérios para a formação do professor de Psicologia, consistindo em um projeto pedagógico complementar e diferenciado, além de mais algumas definições claras e específicas para atividades práticas, de pesquisa e extensão, bem como a carga horária do estágio curricular obrigatório, devendo abarcar 15% do total do curso.

Tendo em vista este breve panorama que aborda os pontos mais significativos do que esta reforma curricular se propôs a realizar, vale ressaltar que, mesmo sendo uma resolução definida recentemente, em torno da quais os centros acadêmicos ainda realizam seus ajustes, ela só veio regulamentar uma tendência que já vinha se apresentando ao longo dos últimos 15 anos, como já foi dito anteriormente.

Figueiredo (2004), em palestra realizada em 1995 e publicada posteriormente, aborda a questão da formação do psicólogo. Ali já estão presentes elementos interessantes que também emergem no resultado final das diretrizes, o que nos

conduz a imaginar que as idéias expostas por este autor, minimamente, refletem ou, até mesmo, contribuíram para todo este processo. Neste texto, o autor propõe uma distinção entre disciplinas voltadas à *formação* e disciplinas voltadas ao *treinamento*, considerando que todas as disciplinas envolvem, em maior ou menor grau, os dois aspectos sendo, contudo, notória suas tendências. Ao considerar algumas disciplinas como *formativas*, aquelas que não ensinam o fazer mais propriamente, mas aquelas que apresentam a história, os lugares, os fazeres e as posições da Psicologia de modo mais geral como História da Psicologia, Psicologia Geral, Teorias e Sistemas em Psicologia, entre outras, percebe-se que esta concepção está intimamente relacionada ao que as diretrizes chamam de Núcleo Comum de Formação. As disciplinas consideradas *de treinamento* consistiriam naquelas que desenvolvem capacidades e habilidades para o aluno passar à prática psicológica, valendo salientar que estas não são necessariamente disciplinas práticas, o que poderia conduzir à noção de uma relação com as Ênfases Curriculares, tal como encontradas nas diretrizes.

Com esta breve apresentação de questões acerca da formação, faz-se importante algumas reflexões de como esta formação acontece para além do seu aspecto formal, definido pelas instituições de controle e regulamentação. Não interessa a este trabalho, avaliar se tais metas estão ou não sendo cumpridas pelas instituições formadoras. Contudo, estas informações servem como um mapa que possibilite guiar e encaminhar a trilha que perseguem as reflexões acerca da formação em Psicologia: compreender os espaços acadêmicos onde os alunos de graduação percebem, em sua experiência, a apropriação do saber de ofício, legitimando-se.

Virginia Carneiro (2006) explicita que o modelo universitário moderno segue uma ordenação linear para a estrutura básica de seus currículos,

Primeiramente a ciência básica, em seguida a ciência aplicada e, por ultimo o ensino prático, no qual se presume que os alunos possam finalmente desenvolver suas habilidades aplicando o conhecimento acumulado nos anos anteriores. (CARNEIRO, 2006, p. 22)

É possível observar esta ordenação através da simples conferência nos currículos dos cursos de Psicologia, nos quais os primeiros anos do curso acumulam as disciplinas de caráter teórico-informativo, de uma maneira geral, inclusive em Pernambuco, onde se realizou esta pesquisa. Ficando a prática, desta maneira, postergada para o fim do curso e, via de regra, em menor proporção.

Considera-se que a formação de um psicólogo está apoiada em três dimensões imbricadas neste ofício: a teoria, a prática e o desenvolvimento pessoal. Com esta compreensão, fica evidente como a pessoa do aluno está intimamente implicada nesta escolha profissional, mais especificamente do que em outras, posto que, no desenrolar do curso, os conteúdos das disciplinas podem e, geralmente, conseguem mobilizar questões próprias de cada aluno levando-os não apenas um esforço puramente intelectual para apropriarem-se destes conhecimentos, mas a uma revisão de si mesmo "pois a possibilidade de aprender está associada a descoberta de si que o processo de ensino contém" (CARVALHO, BACCHI & KÓVACS, 1999, p. 236).

Entretanto, como já foi visto, a dimensão que recebe a maior ênfase na graduação em Psicologia é do conhecimento teórico em detrimento das outras do dito tripé, no caso, da prática e do desenvolvimento pessoal. Os espaços acadêmicos se configuram predominantemente em aulas, na transmissão/informação acerca de teorias, pesquisas, técnicas e reflexões sobre a prática realizada por terceiros (novamente, pesquisas e teorias sobre a prática). E, deste modo, o espaço das disciplinas com práticas geralmente se

encontra reduzido e desproporcional, restringindo-se quase que somente ao estágio obrigatório, muitas vezes realizado nas clínicas-escola, posto que, os estágios em outras áreas, como organizacional e escolar, geralmente são realizados fora do ambiente acadêmico. "Este adiamento da prática dificulta um saber engendrado com a experiência" (CARNEIRO, 2006, p. 22).

A prática, geralmente, se apresenta como um espaço diferenciado e rico neste processo. Entretanto, seria um equívoco atribuir à sua postergação, ou sua menor proporção na graduação, as dificuldades enfrentadas pelo aluno de Psicologia e sua formação acadêmica para aprender o seu ofício.

Carvalho, Bacchi e Kovács (1999) perceberam, em seu trabalho desenvolvido com alunos de graduação em Psicologia, que os alunos sentem a necessidade de espaços onde este conseguisse "se 'ver', sentir o seu próprio processo de aprendizagem. Espaços onde o aluno seja considerado no seu próprio 'fazer acadêmico'" (p. 236, aspas das autoras), tanto em relação aos aspectos práticos, quanto ao aprendizado dos conceitos e teorias propostas.

Considerando que estes profissionais têm em si mesmos seu mais importante instrumento de trabalho, surge a questão de como propiciar a integração da teoria com a experiência da prática e do desenvolvimento pessoal. (MORATO e SCHMIDT, 1999, p. 117).

Então nesta perspectiva fica claro que a aprendizagem em Psicologia ultrapassa a noção de um aprender que contemple somente aspectos cognitivos e/ou intelectuais, demandando uma compreensão de aprendizagem que se proponha a abordar a aprendizagem em uma perspectiva mais abrangente, e, assim, se apresentou como ponto de articulação a noção de aprendizagem significativa.

Esta noção foi elaborada pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers (1902-1987) para demonstrar fenômenos por ele

percebidos em sua experiência clínica, e, posteriormente, ampliando-a para o campo da educação.

Por aprendizagem significativa entendo aquela que provoca uma modificação quer seja no comportamento, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita à um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas de sua existência. (ROGERS, 1997, p. 322).

Nesta perspectiva o aprender se situa numa dimensão cognitivo-afetiva que, geralmente, não se encontra contemplado pelas instituições de ensino superior.

Morato e Schmidt (1999) apontam que a aprendizagem significativa apresenta um caráter singular pelo seu modo de elaboração, avaliação e transmissão do saber próprios; devido às noções de intersubjetividade, experiência e criatividade, implícitas em sua concepção, posicionando esta de aprendizagem na fronteira entre o psicológico e o pedagógico, e, também, é nesta fronteira onde se encontra o saber de ofício do psicólogo, assim como a sua apropriação.

O conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável. (FIGUEIREDO, 1993, p. 91).

Este autor define, de modo marcante, como a experiência pessoal e o saber de ofício se encontram amalgamados nesta profissão, utilizando, no caso, a noção de conhecimento tácito desenvolvido por Michael Polanyi (1891-1976), cujo o pensamento se presta como importante tema de reflexão do tema abordado nesta dissertação. Este autor desenvolve uma epistemologia composta, basicamente, pelos conceitos de conhecimento tácito, explícito, focal e subsidiário.

Conhecimento *tácito* pode ser compreendido como a gama de conhecimentos que se encontram "incorporados às capacidades afetivas, cognitivas, motoras e verbais de um sujeito" (FIGUEIREDO, 2004, p. 116). Sendo um conhecimento pré-reflexivo que se encontra em um plano da experiência tão implícita às ações que se torna difícil transmiti-lo de forma integral, além de ser considerado muitas vezes, na linguagem popular, como *talento* ou *dom*.

A palavra *tácito* possui algumas acepções que podem ilustrar a natureza deste conhecimento como: "[...] não traduzida por palavras; silencioso, calado; que não é preciso dizer por estar subentendido; que não se revela [...]" (HOUAISS, 2006, online), entre outras. Assim, podemos considerar que este é um conhecimento silencioso, que não se traduz facilmente.

Como exemplo para uma fácil compreensão deste conhecimento, podemos tomar um músico no momento em que este executa uma composição através de um instrumento musical. Ao efetuá-lo, ele acessa simultaneamente todos os conhecimentos adquiridos sobre música, harmonia, ritmo, além daqueles envolvidos na manipulação do instrumento, provenientes dos treinos. Todos estão incorporados à sua ação no momento da execução da obra musical. Estes conhecimentos são acessados simultaneamente de maneira pré-reflexiva, pois ao se focalizar em cada um deles de forma distinta, pode ser que se confunda e cometa algum erro.

Além disso, o músico pode até mesmo se propor a ensinar a outro a executar a mesma obra, elucidando cada um dos aspectos envolvidos na execução da obra, contudo esta transmissão sempre será parcial já que existem habilidades que já estão desenvolvidas nele de maneira ininteligível.

O conhecimento *explícito* consiste no tipo de conhecimento que pode ser elucidado através de representações, teorias, sistemas conceituais, entre outras. É uma dimensão do saber

ligada a transmissão e comunicação dos conhecimentos. Virginia Carneiro (2006) mostra que estas dimensões, tácita e explícita, se relacionam alimentando-se mutuamente da seguinte forma: tanto é possível a incorporação dos conhecimentos explícitos a ponto destes se transformarem em um conhecimento tácito, como é possível propor uma explicitação de conhecimentos tácitos compondo um conhecimento explícito.

Esta incorporação de conhecimentos que se tornam tácitos acontece através da interação entre dois outros propostos por Polanyi (CARNEIRO, 2006; FIGUEIREDO, 1993, 2004), são eles: o focal e o subsidiário. Estes dois conhecimentos se articulam de modo semelhante ao conceito de figura-fundo proposta pela Psicologia da Forma (ou Psicologia da Gestalt), onde, ao se observar uma cena, situação ou ambiente, o mesmo objeto pode ser tomado como figura, ou, de acordo com o foco da atenção, compor o fundo ao se eleger outro objeto para ser tomado como figura.

Deste modo, o conhecimento subsidiário se constitui como a gama de conhecimentos, já incorporados, utilizados para possibilitar a apreensão do conhecimento que se encontra no foco de interesse, ou seja, no campo do conhecimento focal. "Nós conhecemos algo de forma focal por confiarmos subsidiariamente em nossa consciência deste algo" (CARNEIRO, 2006, p. 46).

Este contexto pode ser exemplificado no simples ato de ler um texto. Ao fazer isto, o leitor lança seu conhecimento focal sobre o tema que o texto aborda, contudo lança mão dos conhecimentos subsidiários acerca de ortografia, gramática e vocabulário, de modo a possibilitar a apreensão do tema contido no texto em questão.

Nestas relações entre conhecimentos tácitos, explícitos, focais e subsidiários, encontramos a apropriação do saber de ofício dos alunos de Psicologia, aliada à possibilidade de espaços onde uma aprendizagem significativa possa acontecer

contemplando as dimensões conitivo-afetivas desta situação. Partindo destes pressupostos, este trabalho se propõe um olhar para as experiências destes alunos, proporcionado pelas narrativas compostas na pesquisa de campo que apresenta-se a seguir.

3 IDAS E VINDAS NO PERCORRER

Considerando nosso interesse em compreender como os alunos de Psicologia percebem os espaços acadêmicos e quais desses espaços se constituem como locais de incorporação e legitimação do saber de ofício aprendido na faculdade, laboramos uma proposta de investigação inicial. Esta proposta de investigação teve que ser adequada à medida em que avançávamos na investigação, transformando-se. Tendo isto claro, achamos pertinente descrever todo o percurso por considerar este desvio do trajeto parte do fenômeno pesquisado.

Nossa proposta inicial visava realizar um encontro com um grupo de alunos de diferentes instituições de ensino, no mínimo 2 e no máximo 4, que estivessem vivenciando momentos distintos da formação, ou seja, cursando diferentes períodos letivos da graduação em Psicologia.

Estes participantes seriam escolhidos, com seus diferentes pontos de vista frente à experiência de formação, de modo a contemplar uma maior diversidade de experiências enriquecendo nosso olhar. Buscamos a seguinte configuração mínima: 1 aluno, por instituição, que estivesse cursando o último período do currículo de sua faculdade, proporcionando, assim, a perspectiva de quem já vivenciou todo o processo de formação acadêmica; além destes, até 3 alunos de cada instituição que estivessem cursando outros períodos, apresentando-nos a perspectiva daqueles que ainda estão vivendo o caminhar desta formação. O grupo seria organizado de modo a não ultrapassar o número máximo de 10 participantes.

O encontro grupal aconteceria em uma sala apropriada para dinâmica de grupo, situada em ambiente privado (consultório

particular) que proporcionasse conforto e discricção necessária aos participantes.

Seriam realizados, no mínimo, 2 encontros de 2 horas, com a possibilidade de novos encontros no caso da necessidade, interesse e/ou disponibilidade do grupo, estando de acordo com o que viesse a emergir. A cada encontro seriam propostas atividades para que o grupo refletisse e discutisse sobre a sua experiência na formação, que poderiam consistir desde leituras de textos escolhidos com antecedência até dinâmicas. Tais reflexões seriam provocadas através da seguinte questão: **"Como foi e está sendo, para vocês, tornarem-se psicólogos?"**

Estes encontros seriam gravados em áudio e vídeo, para sua posterior transcrição e literalização. Em seguida, este material seria enviado aos participantes para que estes pudessem legitimar ou não, no todo ou em parte, o material produzido permitindo, assim, a sua publicização.

Ao realizar o primeiro contato com os alunos, feito de forma individual, constatamos um grande interesse por parte de cada um dos convidados pela participação em nossa pesquisa e no tema abordado. Porém, no segundo contato realizado com cada um, objetivando a definição de datas e horários para os encontros, foi notória a falta de disponibilidade para a definição destes para todos os participantes. Em alguns casos não conseguimos nem mesmo entrar em contato com os alunos.

Durante cerca de 2 meses tentamos efetivar a realização do grupo. Chegamos a convidar 22 alunos de diversas instituições e marcamos o primeiro encontro por 3 vezes. Destes, os 2 primeiros só contaram com a presença de, somente, 2 participantes e, no terceiro, nenhum dos convidados compareceu.

Vimos, então, que apesar do inicial interesse pelo trabalho proposto, não encontramos eco na mobilização para a efetivação do trabalho. Este fato nos mostrou a dificuldade em proporcionar espaços que privilegiem uma atenção ao aluno de

Psicologia, o que nos leva a refletir sobre a implicação com a própria formação.

A Metodologia deve ser compreendida, na perspectiva fenomenológica existencial, como um dizer do caminho que se percorreu. Este termo deriva do radicais gregos *methos*, que quer dizer caminho; e *logos*, que significa palavra, explicação (HOUAISS, 2006, online). Em outras palavras, metodologia é entendida, neste contexto, como o contar de uma caminho percorrido no trânsito de uma pesquisa e/ou investigação.

Portanto, não se define por aplicações de técnicas e instrumentos pré-concebidos através de um à priori que intencione seu emprego direto.

Toda pesquisa nasce de uma questão que se mostra como norteadora do caminho o qual a pesquisa se destinará. A questão convoca o pesquisador a ir em busca de compreendê-la, pois se apresentou, inicialmente de maneira velada, misteriosa, enigmática.

Pesquisar implica em investigar, buscar cuidadosamente através do vestígios que podem apontar caminhos a serem percorridos e que, no seu aparecer, desvelam possíveis instrumentos e novas questões que darão continuidade à investigação.

Investigar é sempre colocar em andamento uma interrogação. [...] Não se sai em busca da compreensão de um fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo. [...] Ao contrário, é a ele que perguntamos o que queremos saber dele mesmo. (CRITELLI, 1996, p. 25).

Uma pesquisa que parte de uma perspectiva fenomenológica existencial não se propõe a definir dualidades e/ou oposições entre pesquisador e fenômeno pesquisado, por considerar sua condição de coexistência. Esta condição é fundamento de toda possibilidade humana e o lugar do acontecimento de toda a experiência. Possibilita significações, iluminando sentido e compreensões. Portanto, "o instrumental só é efetivamente um

instrumento para a investigação se serve aos fins ou intuito da interrogação.” (CRITELLI, 1996, p. 26).

Pensando a partir destas implicações nos desviamos do caminho planejado e fomos ao encontro do inesperado, surpreendente que havia se desvelado.

Dada a impossibilidade de realização do grupo passamos a propor encontros individuais com alunos de Psicologia, para compreendermos sua experiência na formação acadêmica.

Para convidar os novos integrantes resolvemos tomar por critério a característica de cada instituição formadora, de modo a investigarmos as experiências vivenciadas em, no mínimo, dois espaços de formação universitária: alunos oriundos de uma instituição pública e de uma instituição privada. Escolhemos, então, instituições com maior reconhecimento e tradição na formação de psicólogos do Estado de Pernambuco³.

Foram convidados 2 estudantes de cada instituição, sendo um deles aluno recém-formado, proporcionando a perspectiva de quem já experienciou toda a formação em sua Universidade. O outro aluno teria que, ainda, estar no curso, proporcionando a perspectiva de quem ainda está vivenciando o processo.

Os depoimentos eram provocados a partir de uma pergunta que era proposta ao participante a fim de tematizar seu relato de modo a contemplar nossa questão norteadora. Inicialmente escolhemos, a mesma pergunta provocadora que seria utilizada com o grupo. Com esta pergunta foram realizados dois encontros: um com Penha, e outro com Graça⁴. Porém, observamos então que a pergunta apresentada para elas se mostrou muito abrangente frente aos objetivos propostos que foram revisados para a pesquisa diante da nova trajetória a ser percorrida. Então, elaboramos uma nova pergunta provocadora: **“Eu gostaria**

³ O convite foi realizado diretamente com os alunos de modo a não exigir o contato e autorização das instituições que não serão identificadas ao longo deste trabalho.

⁴ Os nomes dos participantes, citados em todo o trabalho, não correspondem aos seus nomes reais, de modo a preservar a identidade dos mesmos.

que você me contasse, a partir da sua experiência, quais foram os espaços acadêmicos que fizeram diferença na tua formação como psicólogo(a)?".

A partir desta nova pergunta duas entrevistas foram realizadas: uma com Jade e outra com Vinicius.

Diante da mudança na pergunta provocadora, fez-se necessário realizar um novo encontro com Penha e Graça, instigando-as a novas reflexões diante de um outro mesmo contexto. Vale salientar que o material colhido nos encontros anteriores foi disponibilizado para apreciação de cada uma delas antes deste novo encontro. Estes encontros foram gravados em áudio com o consentimento dos participantes a fim de manter a fidelidade dos relatos.

Todo material colhido foi compreendido enquanto narrativa, no sentido explicitado por Walter Benjamin (1985), por considerarmos que esta perspectiva nos possibilita entrar em contato com uma expressão da experiência humana, uma vez que a narrativa consiste em uma ação que demanda a "faculdade de intercambiar experiências" (BENJAMIN, 1985, p. 198), intencionando a transmissão de um saber tácito.

Narrar é uma ação que parte da apropriação da existência dando voz a esta, abrindo o horizonte existencial. Narrar é contar uma experiência própria. "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes". (BENJAMIN, 1985, p. 201).

Além de ser uma via de transmissão de experiências, a narrativa também pode ser entendida como uma elaboração do vivido, servindo como um registro da experiência. Relatos, biografias, depoimentos podem ser atos de uma narrativa que desvela conteúdos sedimentados e incorporados no fluxo do vivido permitindo sua atualização, compreensão e significação.

Na atualidade a narrativa vem perdendo o reconhecimento do seu valor e importância à medida em que a informação, cada vez mais, se impõe como forma de comunicação em nossa sociedade. A informação representa uma comunicação, no sentido de recepção e transmissão do saber, fechada em si e para si contemplando o imediatismo além de sua necessidade em apresentar-se, invariavelmente, plausível. Deixa, desta maneira, de contemplar a experiência humana em sua pluralidade.

Schmidt e Morato (1999) chamam a atenção que esta noção de narrativa e experiência, traz importantes implicações na formação de profissionais de saúde e educação.

Se quisermos tomar a experiência como matéria-prima na formação de profissionais das áreas de saúde e educação, faz-se necessário restituir o valor da narrativa e da existência [...] que indique um caminho na contracorrente de ensino pautado pela transmissão de informação. (SCHMIDT E MORATO, 1999, p. 127)

A experiência é, em todo este trabalho, compreendida para além dos sentimentos e situações vividas. Deve ser entendido como a imbricação destes sentimentos e situações experimentadas na história de vida nas dimensões afetiva e cognitiva, abrangendo a o movimento de afetar e ser afetado pelo mundo e pelos outros. "Sentimento sem simbolização é cego; simbolização sem sentimento é vazio". (GENDLIN 1962 apud MORATO, p. 79).

Compreendido desta maneira a experiência, ou melhor dizendo, uma experienci-ação não pode ser tomada como um "objeto" passível de mensuração e análise.

É o processo que refere aos modos dos sentimentos ocorrerem sendo afetados no e com o mundo. Assim é uma situação de afetar-se e ser afetado. É um processo reflexivo que revela como a pessoa é através de sua possibilidade de ver-se em atuando". (MORATO, 1989, p. 84, grifo nosso)

Narrativa também é, nesta perspectiva, um momento de trânsito, de experienciação. Mesmo considerando-a como um registro da experiência, sua elaboração afeta tornando-a experiência também. Este registro, enquanto o mostrar-se da experiência não consegue abarcar a experiência em sua totalidade, sempre sendo parcial, possibilitando, a cada momento um novo aparecer e um novo ocultar do mesmo fenômeno que se mostra/oculta a cada aparecer.

Os depoimentos foram, posteriormente, transcritos e literalizados. Literalizar consiste adequar a linguagem oral para a forma escrita, objetivando deixar o texto escrito com maior fluidez, sem os vícios de linguagem, porém preservando o modo como cada participante relatou sua experiência.

Depois de transcritas e literalizadas, os depoimentos foram entregues aos respectivos testemunhantes para veracização e autenticação de suas experiências narradas, possibilitando sua utilização nesta pesquisa.

A veracização é parte da construção da narrativa por ser o momento de reconhecimento do que foi narrado a fim de uma publicização, conferindo a ele sua condição de real, verdadeiro, através de um outro mesmo olhar que o define como tal.

Quando algo é testemunhado como publicamente relevante, é referendado como verdadeiro. O que não for considerado verdadeiro perde sua possibilidade de aparência, de manifestação. (CRITELLI, 1996, p. 86).

A veracização não é determinada através da sobre-determinação de conceitos pré-existentes ou por uma precisão metodológica que garanta o acesso ao real, assim como na tradição científica moderna. A verdade, na perspectiva aqui adotada, tem por critério de legitimação o testemunho do outro, que se dá na dimensão da coexistência, garantindo a pertinência do que se apresenta como uma verdade.

Ao defrontar-se com as narrativas, ao alunos participantes desta pesquisa vislumbraram sua própria experiência, ampliando sua compreensão e possibilitando novas significações, reconhecendo a relevância do que nelas se apresentou. Assim promovendo sua autenticação. "A autenticação é obra do indivíduo. Só o indivíduo, e não o público que constitui o mundo, pode dar às coisas sua consistência". (CRITELLI, 1996, p. 91).

Esta metodologia assim compreendida, assume sua condição clínica no caminho do próprio pesquisar. Clínico entendido para além da intervenção e do tratamento de doenças e sofrimentos psíquicos. Aqui a clínica é entendida como um debruçar-se ante a experiência humana no sentido da afetação e do cuidado com o que se apresenta, com o que se mostra como fenômeno.

Clínica como "a escuta que o nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo em que lhe faltam as palavras" (FIGUEIREDO, 2004, p. 63.). o clinicar implica em intervenção, porém não se restringe a ela.

Esta pesquisa se mostra interventiva à medida que as narrativas acontecem no sentido da elaboração das experiências promovendo novas significações para os narradores e para quem tem acesso aos seus relatos. Isto leva a um aspecto mais amplo do caráter interventivo desta pesquisa, ao passo em que ela proporciona outros olhares para alunos e professores que venha contribuir para a formação do psicólogo em Pernambuco.

4 ENCONTROS E COMPREENSÕES

Passaremos neste momento aos encontros/narrativas e as compreensões alcançadas neste momento de nosso percurso. Antes iremos apresentar os participantes que nos acompanharam neste trajeto oferecendo a sua experiência para o nosso olhar.

Penha é recém formada em Psicologia. Realizou o curso em instituição pública e fez vários estágios fora do ambiente acadêmico. Seu maior interesse é pela Psicologia clínica e hospitalar com ênfase na prática em instituições.

Graça também é recém graduada em Psicologia, curso realizado em instituição particular. Fez estágio na clínica de sua faculdade e não realizou outros estágios durante a formação. Sua ênfase foi em Psicologia Clínica e se interessa pela prática de pesquisa, inclusive realizando-a em sua formação.

Jade ainda cursa a graduação em Psicologia, encontrando-se aproximadamente na metade do curso, realizado em Universidade particular. Já estudou em outra instituição, também particular, na cidade de João Pessoa-PB, posteriormente transferindo-se para a atual em Recife-PE. Seu maior foco de interesse é em Psicologia clínica hospitalar e psicodiagnóstico. Ainda não realizou nenhum tipo de estágio, contudo foi monitora na sua antiga faculdade.

Vinicius é estudante de Psicologia em Universidade pública. Também se encontra em um período aproximadamente relativo à metade do curso. Realizou prática de pesquisa e interessa-se por Psicologia clínica, contudo ainda não realizou estágios. Também se interessa pela carreira acadêmica como pesquisador.

Os encontros e compreensões a seguir são apresentadas de forma simultânea, ou seja, apresentamos a entrevista e, em dados momentos estarão presentes comentários acerca das

percepções encontradas durante o processo de compreensão destas entrevistas. Estes comentários e reflexões se apresentarão em um estilo de fonte diferenciado do restante do texto, em negrito (*Times New Roman*), proporcionando destaque.

4.1 Compreendendo os Encontros com Penha

4.1.1 Primeiro Encontro

Rafael: Como é que foi e está sendo para você se tornar psicóloga?

Penha: É muita coisa... Ser psicóloga... eu acho que é uma coisa muito forte assim... eu estava até pensando essa semana... pegando diploma, CRP... ontem eu fui tirar meu CRP... tirei ontem. Eu estava pensando... meu Deus... Que isso é muita responsabilidade... quando a gente começa assim... primeiro que vem muita coisa na cabeça da gente... será que eu estou pronta pra cuidar do ser humano? Vem muita indagação... em primeiro lugar... no final do curso... porque a gente se questiona muito... será que a gente está pronto?... que eu acho que isso é um questionamento meu desde o meio do curso... eu estava estudando mais ou menos... estava pagando umas 10 cadeiras na faculdade e aí teve um momento que eu parei e pensei assim... poxa, só tem teoria aqui!... só tem teoria, teoria, teoria... e o que a gente estuda na faculdade não é pra isso... é pra aprender a conhecer o ser humano... só que pelo papel não está conseguindo... foi muito engraçado... aí eu tranquei todas as cadeiras da tarde... o curso era integral... e fui estagiar para descobrir que danado é isso de Psicologia... que eu estou lá... há 3 anos na faculdade e ninguém nunca me mostrou... a gente via... dissecava cadáver... anatomia, fisiologia, só que não podia ver o ser humano... lá na faculdade tem muito isso... o corpo bem separado da mente...

Penha se questiona quanto sua nova realidade, ser, formal e oficialmente psicóloga. Ao fazer isso retoma questionamentos presentes ao longo de sua formação frente a atender a demanda de um outro ser humano que venha a solicitar ajuda, e passa a narrar como foi sua experiência na formação em Psicologia.

Logo percebemos uma incomodo com o excesso de informação teórica, que levou-a a um sentimento de insatisfação com o espaço acadêmico alimentando sua busca de outros espaços onde pudesse sentir-se mais próxima da prática do psicólogo.

... aí eu resolvi trocar... e foi daí é que começou o meu ser psicóloga... minha formação... no caso... pessoal... porque eu acho que pra você ser psicóloga... em primeiro lugar tem que ter uma formação pessoal... Aí eu parei... eu disse... Pronto... vamos deixar a teoria agora juntar... mas não sei a principal coisa... E aí eu comecei a estagiar. Eu até digo que a minha formação... eu estava até com medo de sair da faculdade... eu pensava assim... será que eu estou pronta?... porque eu acho que isso é uma pergunta que você sempre vai se fazer... assim... será que eu to bem para acompanhar as pessoas?

Vemos que a formação é experimentada de forma fragmentada e dicotomizada, Teoria X Prática, formação profissional X desenvolvimento pessoal. Mobilizando uma busca pela compreensão desta dicotomia ora criticando, ora aceitando e, ainda por vezes, considerando-a necessária. Além disso, este momento de entrada no universo de espaços com prática parece ser vivenciado como um momento de transição marcante na sua experiência de formação.

Só que aí eu comecei a estagiar nessa época... e aí foi um estágio lá, um aqui, outro ali... e eu acho que foi até esse estágio... esse ultimo na secretaria de saúde... em clínica... porque antigamente eu trabalhava em um hospital... trabalhei em oncologia... com instituição... mas não foi o que é nesse... porque ates a gente falava com um... vamos dizer... tinha um cliente... paciente... que vinha hoje... conversava e amanhã... "oi, tudo bem?!"... mas não acompanhava, não é?... e quando eu cheguei aqui... é que eu comecei a ver que tinha toda uma preparação... primeiro clínica... não é? Psicologia clínica... que é tudo isso que é... mexer profundamente com a

pessoa... porque no hospital eu atendia uma hoje... tudo bem... amanhã tinha alta... e na secretaria não... e aí eu comecei a ver que pra você... em primeiro lugar atender... passar... vamos dizer... um ano, dois anos... as vezes mais... acompanhando uma pessoa... você primeiro tinha que conhecer bem aquela pessoa e também tinha que estar preparado... não é?

Ao falar destes dois espaços nos ficou aparente uma dificuldade no trato, naquele momento, com alguns aspectos mais aparentes na prática hospitalar que em outras modalidades de atenção psicológica. O fato de não ter uma continuidade no processo, a necessidade de lidar, mais concretamente, com o inesperado dado que o atendimento não está vinculado à uma continuidade e os clientes vão e vem de acordo com sua necessidade de internação, pareciam incomoda-la um pouco frente a realidade da instituição onde trabalhou posteriormente. Esta se propunha a um trabalho mais voltado ao modelo de consultório, denunciando mais uma tendência na formação de Penha até aquele momento de sua a prática psicológica.

... porque depois de um tempo até aquela história de vida daquela pessoa vai mexer com a sua... imagina você atender um ano aquela pessoa que está bem... depois a pessoa chega com um problema... querendo ou não... você desmorona... e aí eu comecei a aprender que a Psicologia... ser psicólogo tem muito isso... em primeiro lugar eu acho que ser psicólogo não é só estar com a formação... é você estar se trabalhando toda hora, todo o minuto... eu vejo muito isso... porque às vezes eu chego e digo... meu Deus... como é que eu vou ajudar uma paciente dessa forma... por exemplo... com um determinado aspecto... se o meu determinado aspecto não está bem... na minha vida... Não é?! ... aí pronto... eu acho que ser psicólogo tem muito a ver isso... de lidar com o ser humano... de aprender assim... diante do que o outro vai lhe trazer... da história de cada um... você vai enriquecendo seus valores também como profissional... que falam muito de experiência profissional... para mim experiência profissional não é da

teoria... é da quantidade de pessoas... de formas diferentes, de comportamentos, de vida, de atuar, de ser... que agente aprende...

Neste trecho pudemos perceber várias questões interessantes. Vimos que Penha ainda traz consigo uma imagem do que consiste ser psicólogo. Ao mesmo tempo ela fala sobre a riqueza de aprendizado, não só no âmbito profissional, fala da multiplicidade de questões trazidas pelas pessoas que atendeu, e das questões mobilizadas e/ou desveladas a partir de seus atendimentos.

... sabe esse lado pessoal... não só o trabalho pessoal... mas essa coisa de atuar, de atender, de interação com as pessoas que foi o grande aprendizado... E eu até diria que se eu tivesse saindo da faculdade agora esse ano sem ter feito metade do estágio que eu fiz e... por exemplo... a faculdade cobra só um estágio, que é diferente das outras e não cobra monografia. Lá na faculdade cobra estágio curricular... e você não precisa no final do curso entregar nenhuma monografia...

Rafael: mas nem um relatório de estágio...

Penha: Na minha foi só o relatório... pra formação do psicólogo... quem vai fazer para bacharel tem que fazer monografia... Aí... eu diria... se eu estivesse me formando agora... só com minha bagagem de faculdade... eu não sei se é isso mas... só com minha bagagem de faculdade... eu acho que eu não estaria saindo da forma como estou saindo hoje não... e nem me sentiria mais segura como eu estou hoje... eu acho que questionamento sempre vai vir... interrogações do tipo... ta, isso não está bem... eu tenho que melhorar isso... o caso tal está me marcando de forma diferente do que dos outros... mas eu acho que é a questão da experiência... e não só de vida... no sentido profissional de estar atendendo, trabalhando, tudo mais...

Não é fácil, para Penha, integrar as diferentes dimensões envolvidas na formação profissional do psicólogo à medida que ela se refere, à cada momento, de uma maneira distinta as esferas de seu desenvolvimento como ora pessoal, ora profissional. Ao nos mostrar este contexto desta maneira, podemos considerar que sua ela experimentou sua formação desta maneira, dicotomizada entre o que deveria ser como profissional e seu desenvolvimento pessoal. Assim podemos compreender, como Penha se lançou em direção a novos espaços.

Rafael: Certo... você falou que achava que não sairia tão segura... então... como você se sente com essa bagagem que tu tem? A quanto tempo que tu faz estágio?

Penha: Quatro anos...

Rafael: Quatro anos que você está fazendo estágio...

Penha: Três anos e meio...

Rafael: E quantos anos de curso?

Penha: Eu fiz em seis...

Rafael: A formação lá é cinco? Contando com aquele trancamento e as greves da Federal...

Penha: Seis... mais da metade do curso eu estagiei... comecei no 5º período e acabei no 12º...

Rafael: Então foram 6 anos de curso e 4 anos estagiando?

Penha: Isso!

Rafael: Sempre em instituições de saúde?

Penha: Sempre... Primeiro foi na FUNDAC... na... criança e adolescente... depois no hospital do câncer... depois na Secretaria de Saúde... na Unidade de Apoio Psicossocial...

Rafael: Sempre com clinica...

Penha: Clínica... num sentido mais abrangente... dentro de instituições.

Rafael: Certo... você estava falando sobre tua segurança... hoje você se sente segura pra atuar como psicóloga apesar...

Penha: Pois é... ainda mais agora... nessa semana de colação de grau, entrega de diploma... eu tive um chilique...

passei a semana toda pensando... meu Deus... mas não era por isso... eu acho que não era nem tanto por atuar, lidar com a pessoa... porque agora por exemplo... eu estou super segura agora pra montar consultório... vou atender... ta entendendo?... é uma coisa muito estranha... Agora... isso eu quero lhe dizer... falando na área de clínica... de saúde... eu não me sentiria segura hoje para atuar em empresa... hoje de jeito nenhum... porque foi uma coisa na faculdade e que eu nunca paguei nenhuma cadeira de empresa... que era eletiva e eu nunca quis pagar... não é?... não sou uma psicóloga segura nesse aspecto... não sou uma psicóloga segura em escolar também... agora área de hospital... o que você me der na área de hospital... eu acho que eu mexi muito assim... em instituição... enfim... e se for com clínica então eu já vou saber lidar muito bem... porque todos os meus três estágios foram públicos... e...

Penha nos mostra que parece existir um caminho natural do psicólogo, o consultório particular, ao, sem perceber, associar atuação do psicólogo a esta modalidade de experiência profissional. Além disso fala que está segura para atuar, mas diz que é uma coisa estranha, uma ambigüidade curiosa e interessante.

Outro momento interessante, nesta fala, é o fato de que, até então, ela tinha dado um valor muito mais significativo para a prática, principalmente fora do espaço acadêmico, na sua formação enquanto psicóloga, contudo atribui à falta de disciplinas teóricas sua falta de segurança para atuar em outros campos da Psicologia, nos levando a refletir sobre a indissociabilidade entre teoria e prática, e como isso se apresenta na formação.

Eu acho assim... que a gente se sente preparada... pelo menos... porque antigamente... primeiros estágios... até quando eu cheguei na Secretaria de Saúde... Clínica... o outro vai olhar para sua cara... e aí?!?... Você vai ter que falar alguma coisa para ele... o que é que você vai falar... não é?... Agora... inclusive um pouco da minha história pessoal... eu perdi metade do medo que eu tinha de ser psicóloga depois

que eu vi meus terapeutas... porque eu tive mais de um... atuando... não é?!... assim... era muito legal... eu me via... com meu cliente fazendo as coisas que o meu terapeuta fazia... (risos) Pronto... Eu acho que duas coisas me fortaleceram muito no ser psicóloga... eu atuar como... não é?... uma psicóloga... e eu me ver como cliente... pronto eu acho que foi isso... pronto!! A minha segurança final, fechou na terapia...

Agora é engraçado... porque tinha... tanto alguém para acolher minha fragilidade... quanto alguém para eu usar como modelo... e que eram pessoas que eu... eu tive uma terapeuta... agora estou com outro... e eu achei muito interessante isso... de ver... e era completamente diferente... abordagem diferente, sexo diferente, idade diferente... então tem muito esse negócio... foi minha "mãe" e agora é meu "pai"... E eu acho engraçado porque hoje... e eu indo... às vezes eu chego com meus questionamentos... até no campo profissional... e meu terapeuta atual... ele olha pra mim e começa a rir e diz assim... "Eu sei, eu já passei por isso..." e isso... sempre... querendo ou não dá uma encorajada na gente... essa fragilidade... que o psicólogo vai ter sempre questionamentos... porque eu acho que você não sai pronto nunca... eu acho isso... agora você tem que sair pelo menos com uma parcela de segurança... o que eu disse... essa parte que eu falei que eu achei interessante... que você tem que sair pelo menos com alguma coisa já... de chegar e atender... de olhar... taí!... meu maior modelo eu roubei da terapia... eu juro... eu tinha questionamento em clínica... era mais clínica... em hospitalar não... como é uma coisa que você não se aprofunda na relação... você pode até se aprofundar lógico... que um dia, dois dias, uma semana, às vezes você tem... não é?!

Nos parece que a formação acadêmica não trouxe Penha para uma percepção e reflexão sobre si mesmo, outros espaços foram eleitos para este tipo de preocupação. Sua narrativa nos denuncia uma confusão caleidoscópica do que é ser psicólogo. Também vemos que esta confusão parece ser algo experimentado como um lugar comum, indignos de preocupação, surpresa e questionamento, reforçado por seu terapeuta que “já passou por isso” dando uma idéia de que “é assim mesmo”.

Mas a construção do relacionamento é pouca... eu como psicóloga... eu acredito que você constrói uma relação de terapeuta... não tem aquele negócio como paciente... daquela coisa de ser imparcial... existe a imparcialidade mas que você... tem coisas que vai mexer... e vai mexer mesmo... não adianta negar que não vai...

Eu acho que não existe uma imparcialidade, eu acho que a imparcialidade você busca, mas que nunca vai existir totalmente... o que existe é o meu papel e o teu papel... por exemplo... por que a imparcialidade para mim é uma utopia.

Até na minha relação com o meu terapeuta... quando ele falou que já passou pelo que você estou passando... que foi... importante...

Vemos que Penha, apesar de já ter dito que se sente segura, parece ainda buscar uma segurança no seu fazer, encontrando em si mesmo, na experiência respostas que não encontrou no espaço acadêmico. Pela primeira vez em sua narrativa ela explicita uma opinião em relação ao fazer do psicólogo quando diz: “eu acredito que você constrói uma relação de terapeuta...”.

Na busca por uma saída da confusão em que se encontrava ao longo da graduação, só encontrou respostas se colocando como autora de suas construções no seu saber de ofício. A partir deste momento em diante ela mostra que saiu de uma atitude de assujeitada pelas verdades impostas na formação, para uma atitude de responsável pelo seu próprio fazer no ofício de sua profissão.

Foi uma intervenção dele que para mim foi bem positiva, acertiva, terapêutica... não é?! É que ali ele não estava

sendo tão imparcial ou tão neutro assim... então para mim... assim... falando com você agora... pessoas ocupam determinados papéis... um tem a função de terapeuta... e quando você vai atender você ocupa essa função, mas a afetação vai haver de qualquer lado... exatamente... engraçado... todas as pessoas que eu conheço... até em terapia em grupo mesmo... e eu vejo muito essa questão do terapeuta... e... graças a Deus... eu não conheci nenhum terapeuta que tenha esse papel rígido... que ocupe esse papel rígido... eu achei engraçado... para você ter uma noção... a que a gente fechou o processo porque ela precisou viajar... a gente conversava muito... ela tinha o papel dela lógico... mas não tinha esse negócio... um dia eu cheguei numa festa e quando eu vi pessoal tava me chamando... quando eu vi ela chegou perto de mim e disse: "para você não dizer que eu sou uma psicóloga fechada... que me escondo... como eu sei que nos vamos nos cruzar ao longo da noite, eu vim logo falar com você"... e me deu dois beijinhos... mais tarde eu estava sambando e bati numa pessoa... quando eu vi era ela do lado... ela tinha quase a mesma idade... um pouquinho mais velha que eu... naquela hora eu pensei assim... que a faculdade ensina o tempo todo que existia aquele negócio... é como se o psicólogo fosse um Deus... não é?... querendo ou não e... a gente... meros mortais... a gente paciente... cliente... não é?... aí eu parei... prestei atenção a ela do meu lado... a vida dela tão... igual a minha... da mesma forma que a minha... se brincar os medos dela eram os mesmos que os meus... aí foi muito engraçado porque eu descobri ao longo da minha vida assim... depois de um ano de terapia com ela... que o lugar onde eu estagiava... ela já tinha trabalhado lá... existia uma identificação... e eu não podia negar isso... que era minha... que eu achei que era minha... aí no final... no último dia de sessão... quando a gente fechou o processo... aí quebrou a imparcialidade todinha... porque ela me disse que algumas coisas que eu falava ela se identificava muito... os

medos... a questão da formação... que ela também já passou por isso... e também tem outra coisa... eu acho que você ser psicólogo e você ser cliente... querendo ou não... na vida da Psicologia... não é feito você ser advogado e você vai para uma terapia... você já vai diferente... eu acho que até o próprio terapeuta vai olhar para você de forma diferente... ele vai poder falar coisas para você... que não falaria para um cliente que fosse de direito por exemplo... outra coisa... esse negócio de nome paciente-cliente... ainda hoje... porque onde estou agora é paciente... em outros lugares é cliente entendeu?... misturo tudo, digo logo... aí vai ficar tudo misturado... (Risos)

Penha parece se sentir em trânsito quando falamos entre dois lugares, o de aluna, estudante, aprendiz e o de psicóloga, autora, artesã. Vemos também que nesse transito ela lança mão de algumas identificações com outras pessoas que exercem ou exerceram influências significativas no seu percurso, no sentido de se fortalecer em seu fazer. Chegando a conclusões que, aparentemente, beiram o senso comum, mas que se consistem em um suporte para Penha continuar seu trajeto no desenvolvimento do seu ofício.

Agora o nome em si... paciente... eu não gosto... eu uso porque a gente usa na Secretaria de Saúde... e eu usava muito no hospital... eu não poderia chamar de cliente quando ele era paciente do hospital... e aqui a gente também tem essa mania... eu acho que quando eu sair daqui eu vou até mudar essa forma de falar... porque paciente eu acho muito pejorativo... a gente também chama muito de usuário... na secretaria de saúde... que é outro nome que eu acho estranhíssimo!! Cliente me dá uma coisa de uma relação comercial... Pois é... então... Me pergunte mais... (risos)

Rafael: Pois é... então você vem me falando aí desses aprendizados todos... das suas percepções... teu trajeto pessoal implicado nesse ser psicóloga... como você vê isso na

formação acadêmica... na graduação... enfim... na universidade?

Penha: Eu acho que a faculdade ensina... não é?... acho que ela ensina o básico... que é onde você vai buscar... completar depois... mas eu acho que no que é básico do ser humano a faculdade ensina... a visão do ser humano... como é... a questão mesmo de base... perspectivas psicológicas... teorias...

Eu acho que a faculdade por exemplo ensina um pouco... de como você deve se comportar... que abordagem... ela dá possibilidade de visões de mundo que você vai ter... pra você seguir... Por exemplo... a minha em particular... deu pouquíssimas opções... mas isso você vai aprendendo depois... eu mesmo... depois da minha formação que eu fui ver outras coisa e gostei de outras abordagens... mas eu acho que ela dá base... que a teoria... querendo ou não quando você vai para a prática... você também vai relembrar disso... eita é mesmo, eu vi isso em tal cadeira... tal professor me disse isso... Eu me lembro... sabe Rafael?... eu acho que as... lições mais fortes que eu tive... dentro da faculdade... não foram daqueles professores que me ensinaram as teorias... que isso você lembra também... querendo ou não... você lembra... mas são aqueles que ao falar... colocam casos... não é? alguma coisa que eles estão falando deles... mas eu acho que a teoria é importantíssima... sem ela eu acho que não vai adiantar de nada... primeiro precisa dela... para vir outras coisas depois... agora... lógico... seria interessante se a teoria viesse um pouquinho com a prática... depois viesse crescendo... e que a prática viesse muito grande e a teoria viesse em segundo plano... mas infelizmente a gente começa com a teoria... depois vai teoria e prática... e eu espero que depois fique prática e teoria... eu acho que o caminho é meio... cheio de ondulações...

E isso... assim... isso para uma formação acadêmica... Eu acho que não é bom... não forma... a formação não faz você sair pronto... poderia ter um ano de teoria e um de prática... poderia ser 50% a 50%... E porque outra coisa também... para sair você tem que ter alguma coisa... alguma coisa que lhe dê segurança... que lhe dê conhecimento... que lhe dê até motivação para você continuar a atuar... que isso... eu acho que o estudante... o jovem... eu estou falando por mim... tem muita sede... muitos sonhos... sabe qual foi o problema quando eu fui para a prática... eu acho que foi por causa disso... eu vivia muito no sonho... na fantasia do que ensinaram... do que os livros diziam... e a gente... querendo ou não... queria transformar isso em realidade... agora uma coisa que a gente criticava muito na faculdade é que a formação não satisfaz para o psicólogo... não satisfaz... é incompleta... um ano é muito pouco para a prática, não é?... e... querendo ou não... Deus que me perdoe... mas... a minha faculdade em particular... vou falar da minha que foi a única que eu vivenciei... ela não motiva você... no início do curso... a praticar não... ela até tem aquele negócio... eu até entendo... mas... que estagiar só pode começar a partir do 5º período, não é?... então tem aquele negócio... mas dependendo do lugar... da forma... ela não leva você para outros planos...

Ao dizer que a formação é importante, fundamental para dar a base, contudo não é boa, sua experiência aponta sua insatisfação com o que viveu, entretanto, ao falar do conhecimento aprendido no espaço acadêmico, considera-o importante. Voltamos a refletir sobre uma dificuldade em integrar espaços e dimensões implícitas na formação acadêmica.

O espaço acadêmico se apresenta no seu depoimento como o lugar de “algo” que apesar de ser importante, consiste em abstrações que beiram o mágico, o fantástico a medida que ela se refere que “vivia muito no sonho... na fantasia do que ensinaram... do que os livros diziam... e a gente... querendo

ou não... queria transformar isso em realidade...". *Volta a falar da prática como uma forma de concretizar estas abstrações.*

Para outras opções... eu me lembro agora de uma coisa que eu vivi... que eu achei muito estranho... mas que foi... pronto!!... minha primeira sede de conhecimento... era uma salinha que tinha no hospital das clínicas... que era... como é o nome daquele vidro?... vidro espelho... que você vê de um lado e não vê do outro... aí iam... os psiquiatras atenderem os pacientes e a gente ficava assistindo tudinho... a sala toda do outro lado... a aula prática que a gente tinha era essa... Tais entendendo?... Pô... que lindo... mas eu queria estar ali perguntando!! E aí?... Não, fique aí... ainda não está na sua hora não... sim mas minha hora vai chegar quando?... quando estiver no ultimo ano já para pegar o diploma?! Eu tinha muita raiva nesse sentido assim... e até as aulas que a gente tinha... outra coisa também... tinha aula que a gente tinha que... a gente tinha uma cadeira que era a cadeira todinha... a gente chamava de "rolling-play", não sei se você já ouviu falar nesse método?!

Rafael: Já... conheço sim...

Penha: Que a gente tinha... tipo um psicodrama... é igualzinho ao psicodrama... você tinha que encenar... e a gente tinha que ir para a aula... era muito estranho... com uns textinhos... não porque assim.. tu hoje vai atender uma pessoa de clínica... e ora tu é a terapeuta, ora tu és a paciente... e a gente pegava uma banquinha... colocava no meio da sala e tinha aula prática... fazia "rolling-play" para praticar como vai ser atender (risos)... e era até engraçado porque a pessoa que chegava... geralmente o próprio estudante... que ficava como paciente... como cliente... e pegava... e falava... muitas vezes falava de si... o que acontecia... na época... eu achava fantástico... porque acabava que deixava de ser uma encenação e passava a ser uma

realidade... Eu nunca mais esqueço que um colega meu... quando eu vi ele já estava se envolvendo com a história de um jeito... como se tivesse sendo atendido... e isso acontecia com frequência... foi um ano... um ano não... foi seis meses... era "rolling-play" de Psicologia hospitalar... era "rolling-play" de Psicologia clínica... de escolar... eu acho que foi interessante... porque... na verdade... a gente... vamos dizer... querendo ou não... a gente praticava os papéis... era uma prática de papéis...

E a gente... é como se estivesse vivendo o ser psicólogo de alguma maneira... eu me lembro que no dia que eu fui... eu morri de vergonha... tinha que encenar... querendo ou não estava ali um papel que você tinha que... vamos dizer... seguir aquele papel como foi... já ensinado... ainda tinha a professora lá para lhe supervisionar... que era a pior parte... depois a sala todinha... esse era o primeiro momento da aula... depois tinha o segundo... a sala parava para discutir o que foi que você deveria ter falado melhor ou não... aí vai entrar no seu papel... quando era bom todo mundo aplaudia, era ótimo... "você vai ser um ótimo psicólogo"... quando não era... tem que melhorar nisso, naquilo... taí!... isso era uma parte saudável da faculdade... que isso a gente sabia já no final do curso também... Outra coisa que também eu acho fundamental... que eu não tive isso... eu tive estágio... mas eu não tive terapia no início da faculdade... e eu via muito nas pessoas já... até nos meus próprios terapeutas... que o psicólogo já devia começar a faculdade fazendo um trabalho pessoal... e eu só fui fazer o meu já no último ano... último ou penúltimo... a um ano e meio mais ou menos... isso foi ruim... porque, querendo ou não a gente começa... tem muita gente que abandona a faculdade nos primeiros períodos... a gente sabe... eu tive amiga assim... que abandonava... porque vai mexendo com as coisas e vai pensando não é?... será

que isso é brincadeira... eu acho que... a terapia ajuda, ta entendendo?...

Aqui a narrativa de Penha nos chama a atenção quanto incorporação do saber, pela via do treino. A experiência que ela nos conta parece uma forma, encontrada por um determinado professor, de incentivar mais este tipo de espaço na formação universitária. Contudo, parece ter experimentado uma situação onde havia uma preocupação maior com o desempenho e a eficácia do que com o treino em si. Gratificações e punições (aplausos ou críticas) se apresentavam retirando o foco do treinamento e do aprendizado e redirecionando-o para a eficácia e o desempenho. Ainda assim ela considera como algo saudável e importante, nos remetendo-nos ao fato de que a carência de espaços que possibilitem uma atenção à incorporação, e ao treino, do saber de ofício é tamanho que, apesar de tudo, este que se apresentou foi melhor do que nenhum.

Vemos também que esta mesma distorção se apresenta ao falar do espaço terapêutico. Este é tomado como um treino para ser psicólogo, e não tanto como o espaço para o cuidado de si.

Toda essa parte... pessoal... ela é muito rica e importante... mas na faculdade... não só pessoal de terapia, o trabalho pessoal... aprendizado pessoal da prática, da profissão... aquela questão dos papéis de cada lugar...

É... engraçado isso... eu não tinha essa visão na faculdade... na faculdade eu aprendi que eu tinha que colocar uma máscara na hora que eu fosse atender... que... sinto muito dizer... mas... eu poderia dizer que isso é coisa da minha cabeça... mas não era... todas as minhas amigas saíram com esse pensamento... e eu tenho amigas que até hoje... já estão formadas... já estão atuando... já que eu era para ter me formado a um ano e meio atrás... que são assim ainda... que quando vão atender colocam uma máscara... tipo... não tem como um paciente vir e dar um abraço... um exemplo... Está entendendo?!

Novamente vemos a idéia do que deveria ser feito em oposição à experiência vivenciada.

Hoje eu não acho isso não, mas a um ano e meio, dois anos atrás eu achava que isso era a morte... eu não tenho incomodo nenhum de eu entrar para atender e a pessoa me dizer: "Eita, tais tão diferente hoje... mudou isso..." está entendendo?... se fosse antigamente eu ia... devolvia a pergunta! (risos) Pois é... Mas não é brincadeira não... o meu primeiro estágio foi com alcoolista... foi horrível... o alcoolista já te cobra muito... Enfim... eu acho que eu pude fazer a minha Psicologia... é aí que eu quero chegar... a minha Psicologia é um pouco da Psicologia que eu aprendi... do que foi ensinado... mas hoje... a Psicologia... lógico que dentro do que é normal... do ético... mas eu estou fazendo a minha forma de ser psicóloga... que isso... eu acho... que não há faculdade nenhuma que ensine...

Sua narrativa parece ter deixado um pouco para traz a confusão caleidoscópica que vivenciou na formação e começa a encontrar-se como autora, como artesã, apropriando-se de seu ofício e reivindicando sua responsabilidade neste fazer independentemente do que faltou ou não em sua formação universitária. Parece orgulhosa do que encontrou em sua jornada acadêmica.

Nem estimula!... É. E se estimula... são muito poucas... porque é assim... eu acho que os professores que a gente tem é que guiam também... não sei se é esse negócio do trabalho pessoal... os próprios professores que a gente tinha... não eram psicólogos... vamos dizer... dos primeiros períodos... que são a teoria... vamos dizer... princípios da Psicologia... não eram psicólogos... e às vezes nem eram psicólogos de formação... era muito estranho... era mais pesquisador... mais essas coisas... nunca montaram uma clínica... nunca souberam o que é atender um paciente...

*Parece acreditar que ser psicólogo é ser atuante, um psicólogo, para ela, é aquele que exerce uma prática psicológica. Neste ponto nos parece que a formação acadêmica serviu como fonte de oposição para sua formação. Ao não concordar com o modo que sua faculdade se propõe formar seus alunos, Penha se colocou em busca outros caminhos para sua formação em Psicologia, em um sentido diferente ao que lhe era apresentado. A formação foi para ela funcionou, muito mais, como o modelo do que **não** deveria ser sua prática.*

É um pesquisador das questões psicológicas, das teorias da Psicologia... e a formação parece estar mais preocupada com uma formação técnica... tecnicista... dentro dos padrões... e isso é horrível... porque padronizar a Psicologia... é estar querendo que todo mundo siga uma coisa... aí é uma coisa... eu acho... até patológica... assim... ao invés de você levar o ser humano para um lado sadio... você vai levar ele para a doença... se você estiver querendo encontrar dentro do ser humano tudo aquilo que o livro diz que... por exemplo... tal transtorno tem que ser assim... e a gente começa a ver... até hoje mesmo eu tive essa experiência... minha paciente que achava que era pânico... tem 10 diagnósticos em 1 só... e não tem nada que se sobressai... mas a Psicologia não ensina isso a gente... Outra coisa... para quê diagnóstico... tem nomes e nomes... mas na hora quem vai estar lá são os sentimentos, as emoções... é muito mais profundo do que isso... na hora o diagnóstico não vai fazer muita diferença... não vai fazer muita diferença... dizer os nomes ou... ir no CID e dizer qual é o cid.

Rafael: Você vem falando da sua prática... parece que a formação é carente de espaços onde estas experiências que chamamos aqui práticas... de vida... enfim... podem ser trabalhadas na formação... você acha que o espaço universitário poderia ter mais isso?...

Penha: Sim... no caso da minha faculdade... o caminho para isso seria facilitar... até estágio mesmo... por ali mesmo...

dentro da faculdade... estimular... e ali poderia criar mil coisas para a Psicologia... por exemplo... alunos especiais... tem muita gente lá em educação física mesmo... pega uma psicóloga... um estudante de Psicologia... põe um grupo lá... está entendendo?... porque o que a gente tem é o padrão... tipo... Tamarineira (Hospital Ulisses Pernambucano)... todos os estudantes de todas as faculdades vão para a tamarineira... e não tem... outra coisa também... a minha faculdade... no caso... não tem clínica... a clinica de lá está falida... existe... mas é muito pequena... não é feito as outras... não é!... e isso também falta, porque quando tem clínica, até os próprios alunos vão ser clientes... está entendendo?... mas aí... eu não sei como a faculdade poderia fazer isso hoje...

Talvez uma promoção de mais espaços dentro da faculdade para promover práticas... possibilitar mais esse lado experiencial, vivencial... do aluno...

Eu acho que se a faculdade quisesse já poderia ter mais isso... porque o que tem é muito pouco... Na medicina, por exemplo o pessoal no primeiro período já está enfiado nos hospitais... Eu tenho uma amiga que entrou agora com 2 meses ela já está dentro do hospital... com 2 meses de faculdade...

Ela vai e fica conversando com os pacientes... mas ela disse que ficou tão emocionada de ver aquilo... de ver os problemas das pessoas... as carências... até brinquei que ela devia estar fazendo Psicologia... mas ela está... entusiasmada... as vezes vai nas comunidades fazer visita... no segundo... no caso... primeiro período... segundo mês de faculdade!... começou agora!... Os psicólogos bem que poderiam ter isso... Mas isso é no currículo novo... mas antigamente não tinha isso não. Mas, já é algo né?... Então... é isso!

Rafael: Pois é... Então é isso... Tem mais alguma coisa que você queira falar?

Penha: Não... eu acho que já falei até demais!! (risos)

Rafael: Então, muito obrigado!

Penha chega ao final deste encontro nos deixando a sensação de que agora está encontrando-se no seu fazer como psicóloga a ponto de oferecer sugestões para uma revisão da formação. Parece que a confusão e a fragmentação encontradas e experimentadas na graduação estão ficando para trás juntamente com o final desta fase de seu percurso profissionalizante. Parece ter descoberto o sentido do seu ofício e pronta para novas descobertas para dar continuidade ao seu ofício.

4.1.2 Segundo Encontro

Rafael: Penha... Independentemente do que você já falou em nosso encontro anterior... eu gostaria que você me contasse... a partir da tua experiência... quais foram os espaços acadêmicos... que fizeram diferença na tua formação como psicóloga?

Penha: Certo... Veja... o que eu acho que foi o diferencial dentro da faculdade... foram aulas práticas... tipo... Tamarineira (Hospital Psiquiátrico Ulisses Pernambucano) tinha... de levar paciente mesmo dentro de sala, não é?... para fazermos perguntas... até aulas práticas que a gente construía... isso foi o diferencial dentro... junto com o estágio... que foi fora... mas era o estágio curricular obrigatório... eu acho que se eu tivesse saído da faculdade sem o estágio curricular obrigatório que foi no Hospital do Câncer... eu não estaria me sentindo bem... bem assim... fator... tudo... tinha faltado tudo... não ia conseguir atuar legal... isso dentro... porque fiz por direta relação com a faculdade... obrigatório... tenho muita coisa pra falar não em relação à isso... e fora... que aí não é acadêmico... foram meus estágios não-obrigatórios e grupos terapêuticos... dentro dos próprios estágios... que tinha... todos os estágios que eu fiz... todos... fora... eu digo pra você que tinha grupos terapêuticos que a gente participava também como cliente versus psicólogo... tudo mistura... hora a gente facilitava

ora a gente também... entrava... que eram grupos mais abertos em outras linhas... Bioenergética, psicodrama... e momentos terapêuticos também individual... clínica particular... poucos espaços dentro da faculdade fizeram diferença... dentro da faculdade... o grande espaço que ajudou na minha formação foi o estágio curricular obrigatório... mas que eu fiz fora... que aí é importante mesmo... quando eu comecei meu estágio no Hospital do Câncer... obrigatório... eu estava saindo da Casa Carolina que era uma creche do estado... eu atuava como psicóloga clínica infantil... clínica não, social... muito mais como psicóloga social... e isso foi no início do estágio no hospital do câncer... e no final do estágio no Hospital do Câncer eu trabalhava como psicóloga estagiária clínica na Secretaria de Saúde (Estadual)... então assim... nem posso dizer que foi só no Hospital do Câncer... nem posso dizer que foi só o estágio obrigatório... porque durante meu 1 ano, de estágio obrigatório, eu estagiava em dois lugares...

Confirmando o que ela já tinha mostrado no encontro anterior, Penha elege os espaços de prática como mais significativos. Porém, vale ressaltar que ela não se refere à prática, especificamente, mas a espaços onde a prática psicológica, em especial a clínica, se fazia presente. Ela cita aulas práticas e estágios, ou seja, os espaços onde ela percebeu-se legitimando o seu saber e não as atividades desenvolvidas por si.

Esses espaços foram marcantes porque eram práticas diferentes, não é?... então... se fosse a mesma prática talvez eu me aperfeiçoasse... mas... as áreas de atuação eram diferentes... as abordagens diferentes a forma de... tudo... por exemplo... uma era social infantil... parte social infantil... outra parte era psicossomática e... vamos dizer que era na linha da psicanálise que foi o Hospital do Câncer... na Secretaria de Saúde já misturou porque era clínica... adulto... uma problemática diferente... por exemplo... lá na Secretaria a problemática era saúde mental...

no hospital do Câncer era saúde Física... eram problemáticas diferentes... então isso ia me trazendo conhecimento em áreas diferentes... ia enriquecendo minha visão de mundo... outra coisa... a instituição... a própria instituição que você trabalha faz com que você tenha um pouco de vivência do que é ser no mundo... não é?... o psicólogo não vai atuar... sim!... mas a própria instituição já é uma pequena família... se a gente puder dizer assim... e... quando vai atuar já tem suas regras suas normas que também vai favorecer a você ser profissional... exemplo... Hospital do Câncer... foi meu estágio obrigatório... eu trabalhava em equipe multidisciplinar... foi minha primeira grande vivência real multidisciplinar... então assim... eu tive que fortalecer quem era a Penha psicóloga nesse espaço... porque se eu trabalhava o tempo todo com médico, enfermeiro, fonoaudiólogo, fisioterapeuta... e olhe que isso era o tempo todo... era assim... a enfermeira mandava eu atender uma pessoa que o médico que mandava... aí eu ia falar com o médico... está entendendo?... era todos os dias... raríssimas vezes eu chegava... atendia o paciente e ia embora... geralmente eu atendia e precisava saber mais... eu tinha que falar com o médico... saber a medicação... eu tive que fortalecer... mesmo como estagiária... o meu papel no mundo... muitas vezes eu era questionada até pelos próprios profissionais... o que é que tu faz?... O que é que tu está fazendo hoje com esse paciente?... então isso me ajudou a fortalecer... e outros lugares depois... todos os estágios em que eu passei me ensinaram isso... e a faculdade não ensina isso... ensina teoricamente... mas não ensina na hora o que eu vou fazer... não mostra como faz... e você... é uma coisa bem doida...

Neste momento a experiência de Penha se apresentou reconhecendo a potência e o impacto das situações vivenciadas por ela. No contato com os outros e com o mundo, promovendo sua consciência de si pela demanda queurgia pela sua ação. Ao ser convocada

a este agir ela pode lançar mão de um conhecimento que ela mesma não se dá conta, o conhecimento tácito. Mesmo à medida em que ela cometa que a faculdade não ensina, não mostra como faz, algo ficou, algo foi e é incorporado nos espaços acadêmicos. Seria um equívoco achar o contrário. O que vemos em sua fala acerca dos espaços que, para ela, se mostram significativos, é uma ênfase, não uma superposição.

Mas você só descobre quem é você quando você está no meio de pessoas... quando você está em um campo que não é seu... porque ali... em vários momentos dos meus estágios eu tive que delimitar qual era a minha atuação... o que é que eu estava fazendo ali para eu não me perder... e era complicado... porque tinham horas... por exemplo... no hospital que a gente tinha que entender um pouco de medicina... e o medo de se perder... de ir... e perder o ser humano de vista... aí você tinha que resgatar... ah eu sou a psicóloga que tenho que ver esse lado aqui... mesmo conhecendo as outras coisas... vai me ajudar... vai trazer força e tudo... mas eu preciso ser Penha... psicóloga... aí vem e outros lugares também... eu acho que sempre é assim... a gente precisa sair da faculdade... mesmo que seja dentro da faculdade... com os vínculos oficiais... para você ver os seus espaços... para você se reconhecer... é aquela história bem psicanalítica... de criança quando está dentro da família... ela só sabe quem é quando ela vai para o social... a mesma coisa é na Psicologia... enquanto você está na faculdade... você está dentro do núcleo fechado e protegido... mesmo que você tenha vivências lá dentro... é muito legal... mas lá dentro você está no seu meio seguro... é o meio que lhe ensinou... é a sua base... vamos dizer assim... e você precisa quebrar um pouquinho a cara...

Penha ser refere a um reconhecer-se, e não somente ao agir.

Ver que... profissional é outra coisa... você começa a ver a atuação de profissionais que não estão dentro de preceitos éticos... hoje eu estava lendo o código de ética... estudando para um concurso... e comecei a pensar... meu Deus... comecei a lembrar de vários profissionais que eu trabalhei... e não sabiam o que é isso... e a faculdade fala: Ah! O código de ética... Você tem que ser ética... Mas em nenhum momento ele diz o que é ser ético... o código é lindo também... se eu fosse ler esse código no primeiro ano de faculdade... ou no segundo ano... eu não ia entender... hoje eu entendo... quando ele fala que não pode isso que não pode aquilo... que você tem que fazer isso ou aquilo...

Na disciplina de ética mesmo... eu não vi o código! A minha faculdade... na disciplina de ética eu vi Heidegger, Ethos e Moral... Ethos!!... o que é ser ético no mundo segundo Heidegger... que isso é maravilhoso... mas assim... me ensinou a parte filosófica e não trouxe a parte real... dela na aplicação... A disciplina se chamava Ética Profissional... e me ensinaram o conceito filosófico da ética... e eu fazia "oxente"?... Inclusive eu soube que outra universidade onde uma amiga minha estudou ética com o código do lado... inclusive na faculdade dela era o contrário... não estudava nada filosófico... só estudava o código... ela disse que também não entendia nada... porque também só o código pelo código também...

Rafael: Que estranho... porque eu imaginava que se estudasse noções de ética no início e depois passava-se ao código profissional... no caso código de ética de Psicologia...

Penha: Eu queria que o meu fosse assim... eu queria que o meu fosse assim... inclusive não contou nenhum caso... existe coisa melhor do que a prática com casos?!... casos clínicos... mesmo que... nem que fosse a coisa acadêmica... que não saísse da sala... fosse aula... de quadro etc... se fosse aula de

casos clínicos estaria sendo fantástico... eu já disse isso anteriormente... eu amava... amava, amava, amava!... quando eu tinha aula de casos clínicos... quando mostrava o que se faz... Que desenvolve tudo... como foi o decorrer de toda a situação... pois é... é isso... eu acho que não tem muita coisa não... Inclusive quando eu li o outro eu achei tanta coisa... tanta... inclusive eu acho que eu falei demais...

Rafael: Mas se quiser acrescentar algo...

Penha: Não... eu acho que é isso... estou satisfeita.

Rafael: Então está bem... muito obrigado!

Por fim, Penha reitera a importância atribuída por ela à prática. Também mostra-se insatisfeita em relação a certas situações experimentadas no meio universitário.

As narrativas de Penha nos permitiram vislumbrar que sua trajetória foi atravessada por uma angústia e insatisfação, principalmente, em relação às situações encontradas no ambiente universitário que, para ela, não contemplavam sua busca pelo aprendizado profissional. Como já foi dito, ela experimenta uma confusão caleidoscópica frente à multiplicidade de conteúdos e afetações implícitas na formação em Psicologia, presente na dificuldade em integrar estas paisagens em dados momentos de sua experiência.

Frente a isto, Penha passa a perseguir novas perspectivas, novos espaços a fim de tornar-se psicóloga. Ao perceber, neste caminho percorrido, o mundo e ela mesma de outro modo a partir das afetações promovidas por este caminhar foi possível e necessário assumir a autoria do seu fazer, responsabilizando-se pela escolha do que iria ou não lançar mão e como tecer a incorporação do saber de ofício.

Sua narrativa, desde o princípio do primeiro encontro até o final do segundo, se mostrou como uma tentativa de integração do que, inicialmente, lhe parecia confuso, caleidoscópico. A narrativa proporcionou, no ato de sua elaboração, uma compreensão e possíveis significações da experiência de Penha, não só aos pesquisadores como, também, a ela mesma.

4.2 Compreendendo os encontros com Graça

4.2.1 Primeiro Encontro

Rafael: Como foi e como está sendo para você se tornar Psicóloga?

Graça: Bom... me tornar Psicóloga... eu acho que ainda estou me tornando sabe?... Eu acho que eu ainda estou me apropriando desse lugar de Psicóloga... saindo da formação... quer dizer... sair da faculdade... porque em formação a gente está o tempo todo... mas por sair da faculdade agora... eu acho que... eu comecei a me sentir uma psicóloga quando começou o estágio! Porque na época da graduação... era só teoria... então... aquele lugar de psicóloga era uma coisa abstrata... porque eu visualizava... mas não botava na prática...

Graça fala de uma abstração experimentada por ela em relação ao fazer do psicólogo, permeando seu caminho na graduação, ou, ao menos, parte dele.

Quando começou o estágio foi que a coisa veio aflorar mais... e foi aí que eu comecei a questionar mesmo o meu lugar... o lugar... a minha função... e como... como proceder... eu acho que... eu fiquei muito no "como"... e aí eu fui descobrindo que não tem um como... um modo certo... tem... o meu modo... e tem ...o meu modo de acordo também com cada cliente... eu acho que de todo jeito... esse lugar de psicólogo exige muito estudo, muito investimento... muita dedicação e uma... assim... principalmente... flexibilidade... então... é uma construção... eu acho que ser psicólogo não é só uma construção... é uma escolha de vida... não que você faça terapia a torto e a direito... mas é uma atitude... é uma atitude na vida... é uma mudança que para determinadas...

atitudes clínicas... eu tenho que ver isso... eu enquanto... eu Graça... eu como pessoa... então é um... é um trânsito é um vai-e-vem... é uma... é uma modificação constante... e é por isso que eu acho que exige muito este trabalho...[se emocional] mas... eu não tenho medo não sabe... eu quero isso... tem hora que sofre... tem hora que dói e... principalmente porque também tem a frustração... eu estou saindo agora da faculdade... as coisas ainda não estão engrenando... mas graças a Deus estão começando... mas... não é como em outras áreas em que você sai e aí já tem emprego certo... ou encontra facilmente... é por isso ... é por isso que eu acho que ... o psicólogo... talvez ele tenha que se desdobrar mais do que determinadas profissões... eu não sei... talvez todas também... pra você conseguir o seu espaço... e mais... do que eu tenho que fazer... que é me desdobrar mesmo... me esforçar além do que eu já me esforcei.

Sua experiência parece ter trilhado um caminho que contemplava a integração entre as dimensões pessoal e profissional. Aprender a ser psicóloga, para ela, parece implicar em ir além da aprendizagem formal, técnica e/ou intelectual. Mesmo sendo um caminho árduo e, até, penoso, considera-o importante e necessário. Também nos fala de um esforço constante, que não se sai pronto da graduação.

Rafael: Certo... e esse lugar desse desdobrar... de se modificar que mexe com você... não é?... e que você está falando que essa é uma questão importante...

Graça: Se eu percebi... se houve uma mobilização minha desde o início do curso... essa... uma mobilização interna... eu acho assim, que na graduação... primeiro... pegando o início... quando eu entrei no curso de Psicologia... antes de falar nessa escolha... dessa escolha de ser Psicóloga... quando eu entrei... na época eu tinha dúvida... na verdade assim... eu queria dois cursos... eu fiz vestibular pra dois cursos: Psicologia e medicina. Sempre quis ser as duas

coisas... sempre até determinado momento... aí eu passei em Psicologia... nas duas faculdades que eu fiz Psicologia e nas 3 que eu fiz para medicina eu não passei... aí eu comecei a cursar a faculdade... não sabia realmente se era aquilo que eu queria... aí... quando foi no terceiro período... no final do ano... eu fiz vestibular de novo para medicina e não passei... mas também eu não investi para isso... e foi a época que eu comecei a terapia e... na época eu fui fazer teste de orientação vocacional... um teste não... tinha entrevista... tinham sessões para descobrir o que eu realmente queria... e daí que foi quando eu me dei conta que eu não queria fazer medicina... que era um curso que me atraía... que eu achava legal... tudo... mas não era realmente aquilo que eu queria... era Psicologia que eu queria... aí então medicina parou... eu disse: Não é isso!...

Isso foi no 3º período... e aí eu comecei... aí eu disse: Agora é Psicologia! (risos) É complicado eu lembrar de tudo isso agora... então eu acho que eu comecei a investir de um outro modo... sendo que não... eu acho que não o suficiente... sabe?... porque esse investimento no curso implicava um investimento... É complicado falar aqui, porque você acaba falando de si o tempo todo... não é? (risos)

Rafael: Fale... pode continuar... é assim mesmo...

Graça: É... então assim... esse investimento no curso implicava o curso que era meu... que era o que eu queria... implicava investimento em mim e em outras coisas da minha vida... então como esse investimento em mim... esse cuidado comigo... estava difícil... conseqüentemente esse investimento no curso não era tanto o que deveria... sabe?... eu não me implicava... tanto quanto eu poderia ou... eu acho... que deveria... então... eu ficava meio que um pé lá e outro cá... com o curso... eu investia, me afastava, investia, me afastava... por isso que eu acho que a teoria ficava assim tão abstrata... porque eu não entrava... sabe... eu não

mergulhava... ora eu estava ali dando conta de leituras... sabe?... do que a faculdade me colocava... ora eu procurava coisas além do que a faculdade estava pedindo... e ora eu me afastava...

Ao se remter ao inicio da formação, Graça pode novamente vivencia-la, trazendo para o presente o que experimentou naquele momento e colocando-o, novamente, em ação. Ao contar sua história, pára, pensa, reflete e vai construindo, tecendo sua experiência no momento da narrativa. Percebe-se falando de si mesma para falar de sua profissionalização, desvelando, para nós, o amalgama pessoal-profissional do psicólogo.

Isso estava me demandando outras questões que você não estava conseguindo ainda... encarar ou... enfim, o afastamento tinha a ver com um movimento meu na vida... não só no curso... mas em relação a... determinados âmbitos da minha vida... determinados... eu acho que a maioria do âmbitos da minha vida... era o meu modo de agir... então no curso não foi diferente... paralelo a isso foi a minha terapia... eu começo a não investir mais na terapia daquele mesmo jeito... ora eu me afastava... ora eu estava mais dentro... e aí a coisa foi... aflorando mais... a coisa foi mais intensa... e eu lembro determinadas aulas assim... que eu tinha... e textos assim... da faculdade... que mexia muito comigo... que tinha aulas que eu não suportava... que eu chorava na aula porque aquilo mexia muito comigo... eu lembro que tinha uma determinada disciplina que eu chorava mesmo na aula... no canto da sala... a professora olhava e percebia... mas também não chegava a comentar nada comigo... eu cuidava disso na minha terapia... eu tinha que dar conta daquelas disciplinas apesar de que elas mexiam muito comigo... o conteúdo... que era a disciplina de Fenomenológica... uma determinada professora... e... apesar que a aula dela não tinha muito a ver com aquilo que estava nos textos... mas eram aqueles textos que me provocavam... e daí eu comecei a descobrir a

Fenomenologia, sabe?... mais ainda... e foi quando eu fui procurar fazer... participar das aulas da Professora Fiona⁵ no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP... eu era aluna especial... Eu não sei se tem a ver essas coisas aí que eu estou falando...

Rafael: Pode falar... continue...

Graça: Então... Eu acho que aí foi que o curso começou a ter mais sentido para mim... porque aí, Henriette, ela provocava, ela chamava sabe?! Coisa que eu... que aquilo que eu pensava... ou coisas que eu nunca tinha parado pra pensar... e aquilo me mobilizava mais... então eu acho que... muitos professores... eles chegavam numa sala de aula... e davam aquele assunto e pronto... eles não procuravam tocar cada aluno... pouquíssimos professores faziam isso... eles diziam: "Ah, façam terapia..." é... "todo psicólogo precisa fazer terapia..." mas não eram aulas provocadoras... não eram aulas que me mobilizavam... a maioria não me mobilizava... os textos... sabe?... um ou outro que me chamavam... mas em termos da aula... da dinâmica da faculdade... não... era uma coisa meio... Informação aqui... textos, aula, teoria... Mobilizou?!... vá resolver isso na sua terapia...

Porque dependendo da mobilização... queira ou não... é uma questão emocional que está sendo aflorada ali... e ela enquanto psicóloga, ela enquanto educadora e professora... e de uma explicitação da clínica... não só de como nasceu a Psicologia, etc... não... da clínica, da prática... ela poderia ter chegado em algum momento e dito assim: "minha filha, eu estou lhe percebendo chorando demais aí na aula... você está bem? Está acontecendo alguma coisa?" Enfim... agir um pouco de acordo com o que ela tava ensinando...

⁵ Nome fictício dado a uma Professora Doutora que, na época, ministrava disciplinas em um curso de Mestrado em Psicologia Clínica onde Graça participou como aluna especial.

A potencia da afetação proporcionada no seu percurso se mostra neste momento em que Graça chama a atenção a uma aspecto da formação de grande importância, porém, pouco discutido em muitas esferas da formação de psicólogos, como, por exemplo, nas diretrizes curriculares. A relação aluno-professor. Ao apontar a afetação proporcionada pelos textos discutidos na disciplina comentada, Graça deixa claro que o espaço da sala de aula se proporcionou situações significativas para a incorporação do saber despertando seu interesse e investimento no conhecimento que ali se ofereceu. Entretanto, é clara a diferença no modo como cada uma das professoras em questão contemplam as dimensões cognitivo-afetivas proporcionando momentos de aprendizagens significativas ou não.

Graça: Minimamente... então eu acho que na faculdade... especificamente onde eu me formei... eu sentia uma... não tinha um... um trabalho de mobilização maior dos alunos... eu não sei... eu acho que um professor ou outro é que tinha esse cuidado, sabe?... poderia até ter um plano... uma estratégia... um cuidado feito pela coordenadora da clínica, tal... mas não chegava muito à sala de aula... ou pelo menos não chegava muito à mim... não sei... Então... aí com Henriette é que a coisa começou... que eu estava em que período... 6º eu acho... por aí... não sei exatamente o período... eu acho que era o 6º... então aí a coisa começou a... Rapaz!! Eu estou gostando disso... aí a coisa começou a fazer mais sentido pra mim... aí foi quando a fenomenologia me puxou assim... e... aí eu comecei a me interessar... a estudar mais e a Psicologia começou a fazer parte da minha vida... mas aí essas aulas com Henriette acabaram... e eu fiquei um tempo só na faculdade sem as aulas dela... depois de um tempo quando veio o pré-estágio⁶ e depois o estágio... onde a gente vai começar a atender... eu acho que nesse período antes do "pré-estágio"... algo também começou a me mobilizar mais... tipo... olha, a coisa está se aproximando... está mudando... tu está saindo de estudante para psicólogo... eu também não fiz

⁶ É o apelido dado a uma disciplina eletiva cujo objetivo é introduzir o aluno à prática profissional, oferecida aos alunos de Psicologia no semestre imediatamente anterior ao início do estágio curricular.

estágios fora da faculdade... então talvez se eu tivesse feito fora... na área de clínica, não é?... porque tem muita gente que faz... sendo supervisionado, etc... a faculdade permite o estágio... talvez a coisa tivesse nascido antes, mas não nasceu... Então... foi antes desse pré-estágio que a coisa foi mudando mais... que eu fui mudando mais minha atitude... ali na faculdade... e na vida assim... agora tu vai sair de ser estudante... vai ser profissional... e não é uma coisa que muda assim da noite pro dia... então é uma construção... sim... a vida profissional... como eu estou hoje... e o que é que muda? Eu acho... o que vai mudando é esse investimento... esse conhecimento que vai sendo adquirido... essas atitudes que necessitam muito investimento no processo terapêutico... no meu processo... Sabe... e que muito disso faz sofrer... mas coisas possíveis sabe... quer dizer... quando você vai chegando perto da prática... se aproximando ao fazer mesmo da Psicologia... você vai vendo que tinham coisas para exercer sua vida profissional... que foi preciso que sua vida pessoal fosse cuidada de alguma forma, vamos dizer assim... Bastante, constantemente... bastante porque eu precisava cuidar bastante... talvez uma pessoa que tivesse... uma vida muito mais... no meu caso foi bastante, porque eu não havia tanto cuidado anteriormente... então por isso foi bastante... tem hora que... tem hora que é quase insuportável... mas aí você se dá conta de que é possível... necessário mesmo... e tem a solidão também... é algo que pega... porque a solidão... a solidão da vida, a solidão da clínica... que eu estou me deparando agora... assim... eu estou com sociedade com três amigas minhas e eu vejo que muitas atitudes ali... a gente lá enquanto profissional... muito diferente... muitas confusões já houveram em pouco tempo... E você vê uma atitude totalmente diferente... uma atitude mesmo... enquanto pessoa... totalmente diferente... Como é que ela enquanto profissional faz uma merda dessa?!... e você acaba sendo... por estar em um

grupo... eu acabei... no momento... por estar nesse grupo.... sendo tachada por uma coisa que eu não tinha feito... mas eu estava nesse grupo.... então se é um grupo quem está ali naquele bolo é também... mas se isso não incomodar ninguém o máximo que eu posso fazer é me mudar... e ter cuidado...

Rafael: E... você falou de uma solidão... uma solidão que a clínica está te remetendo... eu não entendi bem o que você quis falar dessa solidão...

Graça: Essa solidão... é no sentido dessas atitudes... sabe?! Que assim... eu penso que um profissional de Psicologia não deveria fazer... não deveria... ter determinados valores... no meu conceito... e acabam tendo atitudes que não corresponderiam a um profissional... a um profissional de Psicologia, sabe?... coisas que não caberiam... aí eu digo solidão nisso... mas isso são coisas da vida, não é só da área de Psicologia não... e essa solidão é algo que... me chama a atenção nessa profissão...

É... e no momento eu acho que está mais forte... não no momento "agora", mas de um tempo pra cá... vejo justamente o que você falou... assim, nesse momento em que eu estou investindo mais em mim... então, conseqüentemente na profissão... então é quando eu me olho e... por mais que outra pessoa... seu psicoterapeuta, sua psicoterapeuta esteja olhando junto em algum momento... o meu olhar é o meu olhar... ele é só... por mais que o outro olhe, é o outro... naquele momento quando eu estou olhando eu estou só ali... então... (suspira e sorri)

Rafael: Então...

Graça: Você se percebe só, não é?! (sorri) ... tem que suportar... e nessa profissão eu acho que o trabalho pessoal... olhar para este lugar... para essa solidão pode... não impossibilitar nosso trabalho... mas atrapalhar um melhor trabalho... eu acho que não um melhor trabalho, mas... sei lá... é complicado falar "melhor" ou "pior"... o que é

"melhor" ou "pior"... mas um... sei lá... eu acho que é complicado... como é que eu vou me sensibilizar ao que uma pessoa está trazendo... um sofrimento grande... se eu não consigo suportar o meu sofrimento... entendeu?... como é que eu vou me sensibilizar com a dor do outro se eu não agüento olhar para a minha dor... como?... é muito difícil... então... é algo dolorido... mas também tem momentos de felicidade e prazer também... mas também tem muito momento... Punk!!... assim... sabe?! (Risos) Então... se eu vou trabalhar com a emoção, com a dor, com a angústia, com o medo, com a solidão... trabalhar... acompanhar isso que o outro sente... vamos "simbora" vou olhar pro meu não é?... eu vou continuar a olhar bem pro meu... pro que eu estou sentindo...

Sua experiência mostra a apropriação da profissão integrada com o desenvolvimento pessoal imbricando estas dimensões.

Fala, também, da solidão que experienciou, mostrando sua singularidade. É interessante como ela nos fala desta solidão neste caminho como algo necessário, inescapável e intrasferível, contudo teve como destinação invariável o estar com outros. Graça experimenta um estar só como um caminho para estar com o outro e, assim, exercer seu ofício.

E na faculdade... é como eu falei, pode ser até que eles... tenham assim um projeto... nos papéis tenha dito isso... mas na ação... na ação que é onde faz diferença... que é na nossa ação enquanto psicólogo... que a gente está fazendo algo... na ação eu acho que isso não... como eu falei... um ou outro professor... se ele se identificar com aquele aluno... se ele gostar daquele aluno... ele pode perceber o aluno, entendeu?

Rafael: Mas não é uma coisa que a formação esteja preocupada...

Graça: Não... se eu não estivesse procurado a minha psicoterapia... procurado investir... e começado a crescer...

sabe... eu tinha entrado... e saído... ninguém entra e sai de um lugar sem se mexer... algo muda... mas eu não teria tido a mudança que eu tive... claro que eu sei que todo mundo só tem a mudança que tem se partir de si... isso é... isso é óbvio... ninguém da faculdade chegou pra mim para dizer algo... o que eu sinto é que pessoas... colegas que eu andava... que parece... eu tive a sensação que entrou, chegou e saiu do mesmo jeito... algum professor poderia dizer: "Fulano é meio... Vive no mundo da lua... distante..." sabe? Coisas assim... ou seja, não se implicava muito... mas... não teve ninguém da instituição... penso eu... não posso afirmar.. mas... não chegou pra resgatar... pra dizer: "Oh minha filha, isso aqui é uma profissão... tem que ver isso... tem que questionar isso... o que está contecendo?..." Não tem!...

À medida que ela se implica em sua formação graça começa a perceber quem não se implica. Ao ser afetada, chamada à sua implicação nos espaços e situações que se mostraram significativos, começa a perceber os que não afetam e, também, quem não é afetado por eles.

Então eu acho que quando há um profissional... eu nem sei se isso seria função... eu acho que... deveria sim... eu acho que deveria sim... a faculdade ter esse cuidado... agora pensa quem é a faculdade... são os professores, não é?... é a coordenadora... para isso acontecer tem que ser uma coisa que todos tem que procurar... tem que vestir isso sabe?... tem que ter esse cuidado com o outro... ver esse cuidado com o outro... que muitas vezes não há... o que ele é avaliado... é o quê?... é a nota, o desempenho... era avaliado a nota, o desempenho do aluno... se ele passou ou não na prova... se ele passou ou não no trabalho... sim, mas a gente não é uma profissão como outras... e essa pessoa que está mal ali... como eu falei que estava em determinadas aulas... que estava mexida, mobilizada... que você ver o que a pessoa precisa... tem pessoas que estão na clinica fazendo estágio... que você

vê... poxa!... Como é que fulano vai atender?!... como é que fulano vai trabalhar como psicólogo clínico, seja onde for?... mas como psicólogo clínico... ou psicólogo escolar que tenha esse olhar clínico... enfim... então... quando a pessoa faz clínica... aí às vezes o supervisor... eu não sei se toda vez pode chegar para "cutucar" a pessoa... se a pessoa for fazer clínica na instituição... ou fazer um estágio fora... quem vai apontar? Porque ela vai estar lá como psicóloga clínica... então, eu acho que é esse cuidado com o outro não é só para os professores que tem seu consultório... ou então, no seu trabalho... é ali no dia-a-dia... esse cuidado está sempre dissociado... eu só vou ser "cuidadoso" no consultório, no atendimento... ali só vou dar aula... vou ser "profissional", não é?(risos)

Vai nesse sentido... assim fica uma coisa... partida... aqui é de um jeito, ali é de outro... sendo a mesma pessoa... mas que deve representar um papel em cada ambiente... aqui eu me permito ter uma atitude, ali não... não que se possa fazer tudo em todo lugar... mas será que no curso de Psicologia... em todo ele... não deveria ser o espaço para um cuidar mais efetivo?... um cuidado "clínico" como uma atitude que permeia o próprio fazer psicológico?... já que na Psicologia, nós somos nosso próprio objeto de estudo e preocupação?... diferente de outras formações onde o que está em questão é algo externo a nós mesmos... tinham questões minhas que eram tocadas... mas eram coisas que eu acho que a universidade... o curso de Psicologia poderia mobilizar os alunos...

Ela compreende e busca exercitar uma convergência entre o que se propõe e o que se faz, entretanto experimenta, no espaço acadêmico a divergência em alguns aspectos entre o que é proposto e o que é realizado. Acredita que o lugar que se propõe ensinar a cuidar, deveria tomar o cuidar como prioridade.

Uma coisa que eu percebia muito eram... muitas pessoas querendo passar por cima da outra... querendo não... passavam por cima dos outros... e estavam fazendo Psicologia... e passavam conscientes de que estavam agredindo... passando por cima dos outros... que estavam nesse lugar de: "sou superior"... e com o cliente vai ser diferente?... "Não. é porque ele está me pagando"... e quando não paga?... não está pagando... está fazendo trabalho voluntário... não vai tratar bem porque não está pagando?... Como é isso?... ou quando vai trabalhar numa instituição? Quem paga é a instituição...

Tem determinados valores e atitudes que eu ficava... sabe?... aquilo me incomodava... claro que tocavam em questões minhas que aí é onde... eu vou lidar com minha frustração, com minha diferença, etc...

Rafael: Não me parece uma questão de diferença... você está questionando as atitudes...

Graça: É.... e... pensando nessas pessoas enquanto profissionais... eu ficava pensando... "minha gente!!!"... e quando o cliente trouxer uma vitória, falando que está progredindo... será que o profissional vai torcer junto com ele?... sabe?!... será que ele vai querer o crescimento do outro enquanto no seu dia-a dia ele não quer que as pessoas cresçam... só ela?! Até porque se o cliente crescer não vai mais precisar dele... inclusive nem irá mais pagá-la... (risos)

Então!... pode aprisionar aquela pessoa a uma dependência a ele... Então são coisas... "Ah... mas pra isso vá pra sua terapia..." fazer terapia... e se aquele profissional que está cuidando desse pensar como ele... ou pior nesse aspecto... ele foi cuidado, de uma certa forma, pela instituição?... esse cuidado com a formação "pessoal"... vamos chamar assim... não está muito presente na formação... está na idéia... é informado vagamente: "Vocês vão ser cuidadores... se virem!... aqui vamos dizer tecnicamente como se cuida... aprendam o que

os livros dizem: se cuida assim... dessa ou daquela forma... mas não vamos fazer nada de "clínico" aqui porque não é o lugar"... É justamente essa coisa... o fazer... o fazer propriamente da Psicologia... ela fica meio abstrata demais...

Novamente explicita a questão da abstração presente no momento de ensinar a cuidar. Sua crítica à falta de cuidado não consiste em uma demanda por atenção especial, e sim, em uma demanda em relacionar o que se diz (ensinar como se cuida) com a ação (o cuidar propriamente). Como se, à medida que ao ver cuidadores em ação, o saber cuidar fosse mais facilmente transmitido. A experiência de graça nos permite perceber que, na medida em que o modelo vigente de transmissão do saber não contempla o aspecto cognitivo-afetivo do aprendiz, a possibilidade de articular as dimensões teórica, prática e do desenvolvimento pessoal, envolvidas na formação de psicólogos, fica comprometida.

Rafael: Aí você foi para a prática... como foi esse fazer frente a todo esse discurso que você acabou de me contar agora?... se defrontando com esse fazer... como é que foi esse fazer?

Graça: Priemiro eu acho que eu cheguei um tanto solta, sabe?... tudo bem que estar solta é algo que faz bem... (risos) mas não era um "solta" nesse sentido... não era uma soltura no sentido de uma flexibilidade... de uma... Não! era uma soltura no sentido de um... "pra onde é que eu vou mesmo?!"... "por onde é que eu começo mesmo?!"... não sei se é bem isso que você está me perguntando... mas é como eu me senti neste fazer... então eu fiquei... procurando maneiras... modos... como... o "como"... não é?... como proceder? procurava nos livros a maneira de atender... o que deve ser dito... aí foi quando eu fui fazendo... quando começou essa prática... e aí eu vi que não tinha uma maneira... teve também o suporte da supervisora... ela também ia pincelando isso... a minha terapia também... enquanto eu ia trabalhando também os meus modos rígidos... então vamos flexibilizar...(risos)... vamos não é?... psicóloga... vamos flexibilizar... (risos)

Buscava um modo próprio de aprender, e sentiu-se marcado por um modo próprio de ensinar.

Rafael: Você levava coisas que aconteciam na tua prática profissional para a terapia?

Graça: Coisas que tocavam em mim sim... não assim... coisas do atendimento para que ela me desse supervisão, etc... isso não... mas... coisas que me tocavam... tipo... sei lá... eu lembro de um caso que eu atendi e... eu estava atendendo uma criança e a diretora da escola queria por que queria falar comigo... chegou com o marido fardado... que era policial... ele invadiu totalmente a sala e foi altamente autoritário... aquilo me incomodou bastante porque aí eu tinha a questão da minha dificuldade com o autoritarismo... então... isso eu levei pra minha terapia... que aí eu percebi... consegui fazer... colocar ele no lugar dele... porque ali ele estava invadindo totalmente o espaço... e ela leva o marido que é um policial pra mostrar que ela é que manda... enfim todo um contexto e... eu percebi o que me tocou... que foi a questão do autoritarismo dele... de como ele procedeu... minto... eu não percebi que foi autoritarismo... eu levei para a terapia que aquele modo dele me incomodou... que eu fiquei... (respira fundo) pra morrer!! (risos) Arretada!!! (mais risos) Com raiva... então eu levei isso, não é?... e daí eu fui ver que era a questão do autoritarismo e que daí tinham coisas para esmiuçar... então eu ia e levava sim... e quando eu levava para a supervisão já era uma outra coisa assim... era uma outra coisa mas também isso... você acaba levando tudo não é?... as coisas... algo se mostra mais... mas ta tudo entrelaçado... então eu levava sim... como até a própria relação com a supervisora que não era muito... momentos que não eram tão amigáveis... então a própria dificuldade com a supervisora... haviam momentos que isso entrava na psicoterapia... e ficava rolando, não é?... pensar nisso... o

que está havendo, etc. ... e até hoje tem coisas que estão... que foram apontadas no estágio que eu estou cuidando porque não acaba o estágio e tudo está resolvido não é?!

Graça parece ter sido marcada por espaços que promovessem a articulação das dimensões teórica, prática e de desenvolvimento pessoal, passando a ela mesma articula-las.

Ao longo... como tem outras coisas que já... já tem coisas novas, apontadas e eu estou cuidando... não que só no estágio que coisas foram percebidas... mas foi mais forte...

Agora... a supervisão é foi um lugar onde esse cuidado que a gente estava falando... essa atenção ao aluno pode acontecer... no meu caso em especial... eu só posso falar do meu... eu percebia que havia uma abertura da minha supervisora... mas não tanta... porque nem eu me batia muito com ela nem ela comigo... mas mesmo assim ela não deixava de ser supervisora... tinha coisas da relação da gente que tava ali com nozinhos, sabe?!

Que não eram abertos... mas ela não deixou de ser supervisora em momento nenhum... e eu não deixei de levar meus atendimentos em momento nenhum... minhas dificuldades... de mostrar minhas dificuldades em momento nenhum... então eu acho que o legal foi isso... pelo menos com as supervisoras que eu tive... tanto eu consegui levar minhas dificuldades... meus atendimentos e meus aprendizados... meu crescimento... como ela também não deixou de pontuar... de... sabe e de ter um... um olhar clínico ali na supervisão...

Rafael: Então você acha que... apesar da relação de vocês... o espaço da supervisão foi um espaço dentro da instituição que a pessoa... que você, Graça... pode ser mais cuidada?

Graça: Foi... eu pude... me mostrar mais... me sentir mais a vontade e fui... de uma certa forma... houve um cuidado... da minha supervisora quanto a isso... quanto ao que ela estava

percebendo... se algo poderia estar atrapalhando a minha ação enquanto psicóloga... o meu atendimento... então... ela pontuava... essa supervisora... sim... agora eu percebia também que determinados colegas do meu estágio... durante um período falou cerca de três vezes... Três!... num período de seis meses... É!... nem quando os outros colegas estavam falando... não pontuavam nada... não faziam uma intervenção e falou assim de um caso... só de um caso quando atendia seis casos... seis pessoas... seis histórias... né?... E só de um caso... falou três vezes... Três!

Rafael: E tu achas que isso acontecia porque?... Imagina algo...

Graça: Olhe... eu acho que tem a ver com a pessoa... eu não sei... fala aí de uma falta de investimento... né?... como tinham casos... também... de muita gente que quando estava no horário da supervisão saía da supervisão pra ir conversar... só vinha em um determinado horário e dizia: "Só vou ficar aqui meia hora, só pra falar do meu caso"... então nem participava ou então se estava na supervisão estava lendo... lendo algum livro de outra disciplina... fazendo evolução... fazendo outra coisa... estava pensando na vida... tudo bem... tem momentos que você precisa sair... está cansativo... vai toma uma água... vai ao banheiro... até se a coisa está ruim vai embora, não é?... mas quando isso é diariamente... a coisa complica... é assim... essa supervisora... eu sentia que ela pontuava isso... sentia não... eu percebia... "Ó 'fulana' vamos participar mais..."...

Rafael: Essa, a tua no supervisora?

Graça: Essa supervisora... ela pontuava isso... as pessoas que estavam ali, lendo... que estavam dispersas... então ela pontuava... como nessa pessoa... essa menina que falou 3 vezes também: " 'Fulana' tem que falar mais"... mas aí ela fez a parte dela... "fulana" não queria... aí tudo bem...

Rafael: Ah, então isso na tua mesma turma de supervisão que isso acontecia?

Graça: Na mesma turma... cada pessoa... na mesma turma tem aquele que saía... que só vinha pra passar meia hora... tem aquele que só ia uma vez por semana... tem aquele que faltava duas semanas seguidas... tem de tudo... como também tinham pessoas interessadas, entendeu? como eu também... eu acho que eu era muito interessada... então eu estava tanto ali participando... como tinham vezes mesmo... tinham dias que eu chegava lá no horário e ficava eu e a supervisora bem uma hora e meia e ninguém aparecia...(risos) Dava pra fazer a minha supervisão, terminar, ficar batendo papo e ninguém chegava!...(risos) Mas não era só eu não... tinham outras pessoas que investiam bem sabe... ficavam participando... quando uma colega falava estava escutando... procurando aproveitar o momento e apontar coisas, tal... de aprender junto...

À medida em que Graça experimenta a sensação de apropriação do saber de ofício, sente-se mais implicada nesta construção. É afetada de tal maneira que começa a se incomodar com a falta de compromisso com a formação profissional de seus colegas.

Anteriormente Graça mencionou a necessidade de espaços acadêmicos que proporcionassem um cuidado mais efetivo à formação. Este cuidado diria respeito à dimensão cognitivo-afetiva da formação do psicólogo. Neste ponto ela denuncia o descaso e, até, o menosprezo dos colegas de curso com um espaço desta natureza proporcionado pela academia. Vemos aí, que nem sempre a questão da formação não é de responsabilidade única e exclusiva dos formadores e/ou da instituição.

Essa parte prática foi um lugar que marcou uma diferença... tem uma mobilização que a prática trouxe... mais a supervisão para firmar... ou até... autenticar essa prática... tanto que eu precisei falar um pouco... eu consigo falar muito pouco... em relação ao que eu poderia falar eu acho... eu não sei se foi pouco mas foi o que eu consegui mostrar... explicitar na monografia... sobre essa prática...

por isso eu pensei também em fazer a monografia sobre isso... claro que é só o esboço porque tinha a ver dessa prática... porque também tem a ver com esse início... então eu fui... precisei ir construindo ela... iniciar... dar os primeiros passos e escrever sobre isso pra poder a coisa... ficar também mais próxima... ou mais clara... ou... e de quebrar umas coisas... porque tem muita coisa que eu escrevi naquela época que eu já não penso agora... naquela época... agora... Acabou agora!!! (risos)... mas assim... naquele momento que já... pô!... eu já não vejo assim... é diferente!... então que bom né?!

Neste ponto de sua narrativa, podemos contemplar o transito que o conhecimento faz em sua experiencição. Graça sentiu necessidade te tornar explicito o conhecimento tácito incorporado por ela ao longo de sua formação. Esta situação também se mostra como uma momento de legitimação do seu saber de ofício. Ao sentir necessidade de não só exercitar seu ofício, mas também de se propor explicitá-lo em sua monografia, elaborando sua experiência a fim de transmiti-la, encontrou mais uma forma de legitimar este conhecimento.

Rafael: É... (risos) E... me diz uma coisa... é porque eu achei que você ia falar alguma coisa em relação ao tempo de prática... São dois semestres e parece ter tanta coisa pra ser vista... compreendida... o que se passa nesse momento... me parece que é um tempo curto...

Graça: É... também... também... se a prática se apresentasse mais cedo na academia... Oxe!!!... Necessário... necessário... é muito pouco um ano... é muito pouco porque você fica quatro anos... peraí... é, a gente fica quatro anos direto... só teoria... aí vem um período que vem um "pré-estágio" no final, pelo menos lá é assim né?... Porque eu sei que na USP começa no 8º período...

Rafael: A maioria das faculdades começa no penúltimo período...

Graça: Então... é... na Unicap começa no 10°... o estágio mesmo... a hora do vamos ver é o 10°⁷...

Rafael: Na USP é no 8°, mas eles só tem 10 né?...

Graça: Ah rapaz... que merda que eu falei não... então é um ano e meio...

Rafael: Vamos ver... na tua faculdade... o teu currículo foi de 11 períodos...

Graça: 11 períodos.

Rafael: Então tu começou o "Pré-estágio" no 9°... o estágio no 10° e 11°...

Graça: Foi.

Rafael: na Usp é...

Graça: "Pré-estágio" no 8°...

Rafael: Não tem "Pré-estágio"... "Pré-estágio" é uma coisa que a sua faculdade tem para tentar aumentar um pouco mais a prática... mas não tem... a maioria dos cursos o estágio curricular é o ultimo ano do curso...

Graça: Então a lá já coloca esse "Pré-estágio" só pra enrolar né?...

Rafael: Tem um histórico esse "Pré-estágio" na sua faculdade porque era uma forma que eles tinham de introduzir o aluno antes... era quase que um estágio mesmo e tal... era mais tempo do que é hoje...

Graça: Então veja... se na USP é um ano e meio de estágio...

Rafael: É um ano de estágio...

Graça: Mas não é 8°, 9° e 10° na USP se são 10...

Rafael: Eu não sei exatamente como é na USP porque eu não estou estudando especificamente a USP... mas a maioria do Brasil... é 9° e 10°, no 8° geralmente é estágio optativo e às vezes estágios vinculados à algumas disciplinas...

⁷ O currículo de Graça consistia em 11 períodos letivos.

Graça: Ou seja, um ano, como na minha faculdade... é muito pouco...

Rafael: O curricular... obrigatório...

Graça: Vê... e tem outra coisa... e não é... quem vai dizer: "não, quatro anos de teoria tu estais pronto... tu pode..." não... eu acho que quanto mais... quanto mais o desafio é imposto pra gente... porque é imposto... você só escolhe a área... mas você escolhe e tem que começar o estágio... isso é imposto... então não importa se você está com 4 anos de teoria ou 3 anos...

Rafael: independente de como seja a prática...

Graça: É... está entendendo... então eu acho que enxugar... eu acho que tem muitas disciplinas desnecessárias sabe?... e... enxugar essas disciplinas para esse estágio vir antes... pra a gente poder... também não sei se é o caso de enxugar as disciplinas... as disciplinas tem... um caráter... informativo... Isso!... informativo... As disciplinas informam o que é que existe enquanto teoria... ate porque as teorias são enormes... são amplas, diversas... existem muitas teorias, muitos pensamentos, muitas obras... E as disciplinas informam alguma coisa... dão uma base pra você poder ir buscar... e outra coisa... poderia... eu acho que esses estágios terem algum caráter de obrigatoriedade de acordo com a área de atuação futura... ser aqueles estágios possíveis... porque assim... Não ficar só no opcional, ter uma certa obrigatoriedade... mas aí se você quer clínica... ter dois anos... pra mim eu acho que é o ideal... eu acho que são pelo menos dois anos... dentro... você dentro da instituição... porque eu acho que... no meu caso mesmo... a coisa foi aflorando, foi aflorando... foi aflorando mas se esse afloramento... quando começa a engrenar acaba... mas aí cabe a mim dar conta disso em outro espaço... as se isso pudesse ter sido... porque isso de uma certa forma foi aflorado em mim antes... com as aulas de Fiona... mas não tinha prática... mas

a maneira que ela colocava aquela prática estava mais próxima do que quando eu estava ali em sala de aula... É como se fosse mais palpável... É!... é como se aquilo estivesse me aproximado mais... como se estivesse acontecendo ali... mas mesmo assim eu não tinha a minha prática... então quem tinha a sua prática ali aquelas aulas eram muito mais... é... produtivas... eram muito mais ricas... a pessoa podia aproveitar muito mais... então eu acho que... um ano de estágio... depois de 4 anos e meio de curso sabe?... do obrigatório... é muito pouco... porque teve muita gente que começou desde antes... mas eu que não comecei... que não procurei outros estágios... fiz o quê?... fiz pesquisa, fiz PIBIC⁸, tal... que é outra coisa... é teoria também... continua a teoria... ah tem coleta de dados, pesquisa de campo... sim... mas não há prática do psicólogo... eu estou ali pra falar sobre algo na pesquisa... mas não estou vivenciando aquilo... o crescimento eu sempre acho que é menos quando você não tem a sua experiência ali... sabe?... então eu acho que tem que vi-ven-ci-ar as coisas para poder... enfim...

A experiência de Graça denuncia uma divergência entre pesquisa e prática psicológica. A pesquisa, para ela foi um espaço que não se constituiu como situação de incorporação da prática do psicólogo.

Tem muita teoria... tem muito pensamento e pouca vivência na formação... aí tu faz... com o apoio daquela faculdade durante só um ano... muita coisa que a gente leu eu não vou usar nunca... eu não vou voltar a ler nunca... e... mas assim... tu vai lendo aquilo e vai vivenciando ali na prática... é outra coisa... aquilo faz mais sentido... aquilo penetra na gente, entendeu?... aquilo... a gente consegue incorporar.... independente das coisas que vai-se usar ou não... muitas vezes se esquece do que foi estudado não é?...

⁸ PIBIC – Prrograma Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

quando chega no estágio não se lembra de muita coisa que foi estudada no começo do curso... 4 anos atrás... porque uma coisa é a gente decorar, muitas vezes... você estuda e quando aquilo lhe faz sentido aquilo fica... pode não ficar tudo mas fica algo... e o que não faz sentido você tem que decorar, não é?... Muitas vezes... pela falta de contato prático... você não sabe qual o sentido que aquilo pode fazer... pode até entender... mas não sei a prática daquilo... não fixa do mesmo jeito...

No transito entre o saber e o fazer é que se dá a incorporação do saber de ofício, o fazer legitima o que foi aprendido. Éí onde a aprendizagem se torna significativa.

Vemos na sua experiência, como o espaço da prática potencializa o espaço da sala de aula.

Uma coisa agora... pensando nisso... a questão da... abordagem, sabe?... eu acho que na minha faculdade também... eu acho que deveria já ter um supervisor da área de fenomenologia... pra poder possibilitar o.. agora não só na clínica... tudo bem já tem disciplinas... de fenomenologia, é... onde tem a teoria da fenomenologia... então você não precisa chegar só no estágio... mas aí quando você chega no estágio não se tem... também um supervisor da fenomenologia que possa dar esse suporte... então eu acho que ainda fica muito centralizado na questão da psicanálise... sabe?... ainda fica muito centralizado... é... tem a Gestalt-terapia... e só!... sabe?... não tem uma... "ah mas o que importa é se você está atendendo criança e adulto...". Primeiro que você nem escolhe o supervisor... né?! e... se está atendendo... eu acho que eu estou fugindo não é Rafael?!

Rafael: Fique à vontade, continue...

Graça: Então você muitas vezes nem escolhe o supervisor... E... e a abordagem... a abordagem teórica... porque eu acho que essa abordagem... essa forma de abordar o cliente tem

muito a ver com a teoria... mas também tem muito a ver com o jeito de cada um... aí é onde vai entrar aí nessa abordagem também a questão pessoal.... o modelo da minha faculdade... por exemplo... onde se pode ter supervisão com mais de um supervisor... em parte o enriquece mais a experiência... ao ter mais supervisores e mais atividades onde você possa começar antes... mas em parte... deixa a coisa também... confusa... porque se você está fazendo supervisão... muita gente da minha turma fazia supervisão... não era com 2 não... eram com 3... tinha 2 casos aqui, 3 ali e 1 acolá... e aí por que?... porque quer pegar tudo de uma vez... entendeu?... só tem um ano!... então bora... o que é que fulano pode me dar... o que é que beltrano pode me dar... então bora pegar logo porque a coisa vai acabar... e tinham pessoas por conta de estarem com vários também não estavam em lugar nenhum... estavam pegando aqui... pegando acolá... mas não estava em lugar nenhum... então esse desespero por escutar várias supervisões deixava de cuidar realmente... de uma maneira... vamos dizer cuidadosa... sei que estou repetindo (risos)...

Rafael: Cuidar de uma maneira cuidadosa... eu acho que é isso mesmo a idéia (risos)...

Graça: Pois é... e ainda com essa preocupação do tempo... porque a coisa vai acabar... está acabando o estágio... sabe?... então se tem mais tempo desse estágio... a coisa fica mais rica... a coisa fica mais trabalhada...

Rafael: Engraçado... acaba sendo uma coisa contraditória... porque se fala tanto no tempo... no tempo do cliente... no tempo do processo... no tempo para que as coisas possam ser digeridas, trabalhadas, enfim... desse tempo, quando se fala do cliente...

Graça: Hum-hum... mas conosco, na formação... nada disso... vamos, tem que produzir, tem que escrever, tem que fazer pesquisa... e o tempo só diminui... que se reduza o

tempo da parte teórica e se aumente o tempo da parte prática...

A narrativa de Graça se desenvolve chegando a afetar o pesquisado a ponto de provoca-lo a elaborar uma significação, a partir de sua fala no próprio momento do relato.

Ambos, juntos, desvendam outro ponto onde o que se ensina é diferente do que se pratica na formação em relação à temporalidade. Isto reforça a questão de que mais espaços de prática ao longo da formação, e não somente no final do curso, possibilitariam mais tempo para estas elaborações e/ou incorporações do fazer profissional.

Rafael: Bem... enfim... acho que podemos ir terminando por aqui... só queria saber se tem algo mais que você queira falar?... algo que você gostaria de acrescentar?...

Graça: Nossa... falamos de tanta coisa... (risos) Eu acho que a gente falou de coisas muito importantes sabe?... eu fico pensando assim... eu estava pensando agora... que a tua pesquisa possa... levar para as universidades... para os cursos de Psicologia... isso!... a resposta desse teu trabalho... sabe?... dependendo do que for percebido no geral... mas... pensando ser uma pesquisa fenomenológica... cada experiência tem a sua importância... então algo tem que ser apontado ali... acho que levar isso para as faculdades pra ver se isso muda de alguma forma... se eles percebem como é que os alunos estão saindo... como é que esses alunos... de perceberem como os alunos estavam e como eles estão saindo... porque nisso... poxa!... se saem melhores profissionais... com mais prática, com mais segurança... porque quanto mais prática mais seguro você se sente... se essa universidade vai ter um olhar... a universidade que eu falo é o corpo docente, a administração, etc. ... terem mais esse olhar atento aos alunos... aqueles que estão... que vão sair dali q vão ser profissionais... ali em cada disciplina eles estão se fazendo profissionais... eu acho que isso muitas vezes os professores

se esquecem que cada contribuição que cada um possa dar... um melhor profissional vai estar se fazendo ali.

Rafael: Bem... Espero que sim... Graça, muito obrigado!

Aproveita o momento final para reforçar sua percepção de que o espaço acadêmico é carente de situações que lancem mão da prática profissional para potencializar a incorporação do saber de ofício do psicólogo.

4.2.2 Segundo Encontro

Rafael: Graça... além do que você já me falou em nosso encontro anterior... acrescentando ao que você já disse... eu gostaria que você me contasse quais foram os espaços... dentro da faculdade... que fizeram diferença na tua formação... no teu caminho para se tornar psicóloga?

Graça: Eu acho assim... primariamente... assim que tu me fez a pergunta... algo que eu lembrei foi o espaço do mestrado... como aluna ouvinte... sendo que esse espaço eu busquei fora da graduação... então... é tanto que eu fui uma das poucas pessoas que foi aluna ouvinte... eu e outras pessoas naquela turma... nos fomos as primeiras que estavam na graduação e que estavam sendo alunas ouvintes do mestrado... foi quando eu paguei a disciplina com Fiona... então... a primeira coisa que me veio na mente foi essa... fez diferença... agora ao mesmo tempo... fez diferença...

A afetação provocada pelo encontro com esta professora deixou a experiência de Graça uma marca. O sentido de sua formação profissional tem este momento como norteado de boa parte de suas escolhas no caminho trilhado por Graça.

Mas eu não pude aproveitar tanto quanto o espaço me ofereceu... por uma falta de amadurecimento pessoal... e uma falta de amadurecimento no curso... eu estava no meio do curso... mas ao mesmo tempo... eu não estava... o "ser

psicóloga" estava muito distante para mim... por eu estar no meio do curso... então... quando eu falo "ser psicóloga" não é a questão... não é que eu não me via psicóloga... eu não me sentia psicóloga... eu não... aquela... eu não me via atuando ainda... eu queria mas eu não... não é que eu não me via atuando... espera ainda... não está claro!... eu não tinha propriedade... essa propriedade eu estou adquirindo... eu comecei a adquirir no estágio!...

Retoma a importância do estágio, onde realizou a prática supervisionada, em sua formação acadêmica. Foi neste espaço onde legitimou-se como psicóloga, apropriando-se deste fazer.

Então... aí quando você fala dos espaços que me possibilitaram esse crescimento... esse me sentir psicóloga... aí eu lembro também de aulas com professores que... assim... ao meu ver foram e são... eu acredito que são ainda... muito competentes e que me despertavam para a questão do... Poxa, eu quero fazer isso!... eu quero intervir dessa maneira!... eu quero ter esse olhar... eu quero... ter essa competência... então... o conhecimento e o saber de determinadas pessoas... psicólogos profissionais... me instigam... me instigaram e hoje me instigam ainda mais a buscar o meu lugar... o meu espaço no mercado de trabalho... então assim... eu acho que... sei lá... essas duas coisas... voltando a graduação, não é?... porque eu não tenho como não pensar só lá!... eu estou pensando hoje, aqui, formada a pouco tempo... mas formada, não é?... formada entre aspas... formada assim na graduação... porque essa formação ela continua... ela está sendo muito mais apropriada agora... começando a me apropriar... então... porque ao mesmo tempo tem uma parceria com a questão... desse me apropriar na vida... nas minhas coisas... sejam elas profissionais... sejam pessoais... de relacionamento com amigos... com as pessoas em geral... então... esse transitar

por esses vários âmbitos da minha vida está acontecendo muito paralelamente... então é por isso que eu acho que essa coisa desse meu apropriar está mais forte de um tempo para cá... aí você fala, não é?... voltando a pergunta... os espaços que me instigaram... que me possibilitaram... eu estou lembrando agora de cursos que eu fiz... mas eu acho que os cursos... assim participar de congressos e tal... eu acho que esses cursos... por mais que os tenha feito, tudo... eu não... eu não acho que nenhum que eu esteja lembrando agora... pode ser que eu esteja esquecida... mas os cursos que eu fiz... assim... dentro de congresso... nenhum me instigou muito... agora cursos mais próximos... que tinham poucas pessoas naquele espaço me instigaram sim... ou sentido de eu ver determinados trabalhos de profissionais e dizer que nunca vou agir dessa forma... uma pessoa anti-ética... uma pessoa incompetente, sabe?... ou no sentido inverso... de dizer... Poxa, que bom trabalho... que competência, sabe?... eu quero fazer um trabalho assim... Me via lá...

No encontro anterior Graça fala sobre uma solidão experimentada no caminho de se tornar psicóloga. Neste encontro, se remete a importância do contato com o outro, da convivência com outros profissionais. Mostra-nos como a este fazer-com promove a aprendizagem significativa, contemplando, de fato, a dimensão cognitivo-afetiva.

Rafael: Mas isso você está falando dentro da faculdade ou fora da faculdade? Isso foi dentro do espaço acadêmico?

Graça: Ah... não, não... eu estou falando da época... não. Foi fora... e tu estás perguntando dentro não é?! (Sorri)

Rafael: É... mas tudo bem... não tem problema não... você estava falando que mesmo ele dando um curso... uma palestra tu estavas vendo a atuação dele...

Graça: É... por mais que ali ele não estivesse sendo a minha psicóloga... a psicóloga de alguém... mas era uma pessoa que é psicóloga... ou psicólogo... mas que... não deixa de ser

psicólogo porque ela está dando um curso... principalmente se ela está dando um curso dentro da Psicologia... e em alguns momentos esses cursos tinham práticas e tal... E isso era importante... então... até... por exemplo... teve um que eu fiz que ela falava dessa prática como receita de bolo... "Você chega, faz assim e assado, e a consequência é assim..."... então... estava falando de um olhar que não é mais assim hoje... que as coisas não são: eu faço assim... **A** consequência **B**... não é **A** consequência **B**... pode ser até **A**... **A** é uma forma... mas se acontecer de ser **B**, **D**, **F**, ou uma que nunca houve... isso é o esperado... o esperado é o inesperado... que aí as pessoas se esquecem... eu me esqueci disso... então eu estou começando a... de uns anos para cá a ter esse novo olhar... mas mesmo sem estar tão apropriada dele... eu percebia que essa receita de bolo não funcionava... que a coisa também não é assim... podemos até às vezes querer ser máquinas por conta da necessidade do controle desse mundo totalmente turbulento... com mil informações... a gente vai, deita para dormir e tem um monte de informações na cabeça da gente... mas aí a gente vai e tenta controlar as coisas... mas vai resolver?!... certo... determinadas coisas a gente controlar é saudável... é a gente controlar no sentido de querer manter uma certa organização... não é exato... a vida não é como nas ciências exatas... é diferente. mas voltando... esses espaços não eram dentro do espaço acadêmico... mas... um outro espaço que não era dentro do espaço acadêmico... que é o espaço psicoterapêutico... eu nas minhas sessões de psicoterapia... então assim... me fez crescer, sabe?... me fez crescer muito como pessoa... como profissional... claro que... eu enquanto profissional com essa pessoa passei pouco tempo... enquanto eu profissional... mas muito tempo enquanto eu estudante... e ela me ajudou muito porque eu acho que não tem como alguém poder pensar em fazer com que o outro... instigar que o outro cuide de si se eu não consigo cuidar de mim.... e

eu vou conseguir cuidar de mim a partir do momento em que eu vou ter um espaço que me provoque a olhar coisas que eu sozinha não estou conseguindo ver... abrir meu olhar... clarear as coisas sabe?!... e não sei como tem gente que não faz... e que atua... que está no mercado de trabalho... isso era uma coisa que eu percebia que os professores também instigavam os alunos... façam psicoterapia... é importante... mas eu fui procurar não porque algum professor me disse... mas por uma necessidade minha... apesar de ter um incentivo acadêmico... mas isso é uma coisa até esperada... procurar terapia fora do espaço acadêmico... mas a academia incentivava bastante... ao menos as pessoas mais preocupadas com a formação e que eram mais competentes também... eles incentivavam isso também... eles provocavam isso também...

Parece que a relação de afetação entre o professor e o aluno é algo que permeou grande parte da experiência de Graça.

Graça: Aqueles que passavam mais essa necessidade eu sentia mais a questão não só de passar a informação... eles passavam com seriedade... para que a gente refletisse sobre a questão crítica... da importância da psicoterapia... desse fazer que vai sendo construído e a importância desse cuidado pessoal... que é desde o estudo, das atitudes na vida... que vai te ajudar... a te fazer enfrentar ou não te fazer enfrentar... mas possibilitar que tu enfrente melhor as coisas da tua vida... era algo que os professores conseguiam transmitir... mostrar qual era a importância de estar se cuidando... eu não vou dizer que todos... eu acho que nem todo professor conseguiu tocar todo mundo e cada um vai ser tocado de uma forma... a mim tocou dessa forma porque eu já tinha a necessidade de fazer a psicoterapia e... quando me identificava com certos professores o dizer deles me fazia sentido... muitas vezes me fazia sentido... não só porque eu

me identificava com eles também... porque tinham os que eu não me identificava mas o dizer deles podiam em alguns momentos ser interessante... Assim... também em relação à livros... voltando pra questão... pensando bem... livros... alguns textos que... que me instigavam... mas... assim... e algumas aulas também... que determinados professores... davam uma vida àqueles textos... enfim que aumentavam a minha ânsia de agir... de atuar como psicóloga... e a minha ânsia em querer saber em querer dizer daquele jeito... de querer saber daquele jeito sabe... É... deixa eu lembrar... de alguns filmes também... de alguns filmes que os professores passaram em sala de aula e outros filmes que eu assisti por conta própria, que tinha a ver... que um determinado personagem era um psiquiatra ou um psicólogo... enfim, que aquela forma dele atuar era brilhante... eu dizia assim... Poxa... eu quero fazer aquilo!... fazer essa intervenção... ter essa competência sabe?!... no mostrar como se faz, não é?! O filme também mostra como faz... mas aí... é onde chegou algo na prática que... me fez balançar no sentido de acordar... Olha... fulano faz dessa forma mas agora eu vou ter que aprender a fazer da minha forma... e para isso eu preciso de uma sustentação teórica... e preciso fazer do meu jeito a partir da sustentação teórica... eu não sei... é até complicado falar de sustentação... será que tem como você se sustentar nessa teoria... eu não sei se sustentar... mas pelo menos... ter ela lá, sabe?... aquele olhar... porque a gente precisa... porque se não vou fazer "achismo"... vai ser senso comum... nem que seja pra discordar dela... e se eu não tenho esse conhecimento eu vou fazer parte do senso comum... então... o que é que me diferencia enquanto profissional?...

Mais um momento que aponta que o transito entre a prática e a teoria, entre o fazer e o saber sobre, é que legitima o aluno em sua aprendizagem.

e vai me ajudar cada vez mais de criar essa competência... dela cada vez mais aumentar e aumentar a minha segurança no trabalho... ao menos para eu me sentir mais tranqüila de fazer, de arriscar... pelo menos assim... eu não estou arriscando assim... não... eu tenho algo que pode não dizer o que eu vou fazer mas diz um pouco do que já foi feito... mas aí eu vou... na hora que eu vou tateando... do meu modo... que eu acho que a prática clínica é por aí... no meu caso eu vou tateando... eu não vou com tudo... aquela certeza absoluta... tem horas que eu acho que eu estou mais assertiva... tem horas que eu estou mais tateando... não sei se é por conta da experiência profissional... ou se esse trabalho vai ser sempre assim... com tateado, com sutileza, com cuidado... de não invadir o outro... por mais que ele te autorize dizendo assim... pode mexer... não é?... porque o outro vai e autoriza... eu acho que o contrato terapêutico é isso... pode mexer... até o momento é assim... isso pode mudar...

Ao narrar Graça vai criando novas significações e se abre para novas possibilidades, dando continuidade ao seu crescimento.

Agora... voltando para o que você perguntou... os espaços dentro da faculdade... para mim o mais forte foi a prática do estágio... do espaço do estágio supervisionado... juntando o momento da prática e da supervisão como se fosse uma coisa só... só prática não ia rolar e supervisão sem prática... supervisão de quê não é? (risos)... no caso a prática supervisionada na clínica-escola da minha faculdade... eu acho que... não só o estágio mas também o pré-estágio... que uma determinada professora no pré-estágio... assim... uma pessoa muito viva... uma pessoa muito pra cima... muito... além de competente... então ela dava... apesar dela ter uma linha teórica que no momento eu não tenho... eu não conheço com profundidade ou bastante clareza... mas a pessoa dela... o que ela passava daquela teoria me despertou mais ainda para o ser

profissional... foi uma virada se eu pensar no curso... que momento foi?... foi o pré-estágio... ela que deu essa "alavancada" que talvez ela seja uma pessoa assim... ela dá essa "alavancada" às pessoas, sabe?... ela te joga para o mundo assim... vai!... sabe?... e aí quando eu fui para o estágio... que não foi com ela infelizmente... mas aí o fazer a prática lá deu uma... eu pude me aproximar daquilo que eu esperei desde o início do curso... não bem desde o primeiro período... mas do início do curso... e as supervisões... apesar de eu não ter uma relação muito boa com a minha supervisora... não tínhamos uma relação muito amigável com ela... mas no que concerne à teoria ela é muito competente e aí a gente pode trocar muita coisa.

Rafael: Você teve supervisão somente com uma supervisora?

Graça: Não... em alguns momentos essa supervisora viajava... em alguns períodos do mês... e aí a turma tinha supervisão com outra pessoa... que também era muito boa mas que ao mesmo tempo ela não acompanhava muito a gente... só fazia um suporte... porque ela aparecia a cada... tinha mês que ela aparecia uma vez... eram dois dias com ela... tinha mês que eram mais dias... então não tinha aquele... um acompanhar... mas ela era muito boa também... deu para sentir um outro olhar...

Rafael: Um outro jeito...

Graça: É... um outro jeito... então... eu acho que foi o pré-estágio que marcou mais... na graduação como espaço oferecido na faculdade... eu acho que só... eu acho que o contato... com determinados professores que... relação... contato no sentido de uma relação...

Rafael: O contato vivo...

Graça: É... essa coisa da vida que você falou... uma pessoa que não tem vida... que não tem brilho... que não procura encontrar o seu brilho... ela está morta... é um "corpo-morto"... "morto-vivo"... ou "vivo-morto"!?! (risos)

Rafael: E você encontrou muitos "corpos-mortos" nesse teu percurso da graduação?...

Graça: Encontrei e eu mesma já fui um corpo-morto em muitas vezes da minha vida... muitas vezes eu parecia uma morta... não tem aquela expressão "morto-vivo"... pronto era um morto... ou era um vivo-morto?... deixa eu pensar... eu acho que era um vivo-morto porque eu estava viva mas não dava vida à minha própria vida... sabe?... então... eu acho que viver é isso é dar vida a tua própria vida... do teu jeito... mas é difícil... é isso.

Rafael: Bem... tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Graça: Não... eu acho que sobre o que você perguntou... não...

Rafael: Então ok... Muito Obrigado!

O segundo encontro com Graça, de maneira geral, reafirma o que vislumbramos no primeiro. Parece que este intervalo já permitiu novas maneiras de olhar e novos focos de interesse, mas, de maneira geral, sua percepção da formação só ficou mais apurada, já é perceptível uma maior maturidade e apropriação.

A experiência de Graça é permeada pela afetação oriunda de sua relação com os profissionais, principalmente os professores, seja no sentido de identificação como no sentido de um modelo a não ser seguido.

Mostrou-nos a importância que a prática supervisionada tem na formação do psicólogo à medida que se constitui como espaço que imbrica os saberes teórico-práticos, tecendo uma prática através de situações que legitimam conferindo ao aluno a autoria do seu próprio fazer profissional.

4.3 Compreendendo o Encontro com Jade

Rafael: Jade... eu gostaria que você me falasse... a partir da tua experiência como aluna de Psicologia... quais os espaços acadêmicos... na tua percepção... que fazem ou farão diferença na tua formação?

Jade: Para mim... o espaço que mais eu consigo aprender conhecimento é a sala de aula... para mim é... por exemplo... eu tenho algumas experiências na faculdade de... sala de vídeo... de momentos de discussão que são boas... mas ainda deixam a desejar... por que?... porque os alunos não tem iniciativa de... ir já estudado para a sala de aula e discutir o assunto... quando é discussão... quando é filme... quando é alguma atividade extra da sala de aula... então para mim o ambiente de sala de aula... de ouvir o professor e de discutir com ele é um momento de crescimento... também os momentos de estudar sozinho... de aprofundar os assuntos dados em sala de aula também é enriquecedor... mas para mim essa troca que eu tenho entre eu e o que está me ensinando é importante... é nesse espaço onde eu percebo mais o meu crescimento... o meu crescimento... para mim... mais... eu aprendo mais nessa discussão... professor e quem está aprendendo... pelo menos até agora...

Jade já inicia nos mostrando que a formação é experimentada por ela como espaço de crescimento. Não apresenta, em sua narrativa, uma dicotomia entre formação profissional e crescimento pessoal, referindo-se, somente, a crescimento.

Aborda a importância da relação professor-aluno como marca profunda em seu percurso acadêmico até então.

Rafael: E você acredita que existam outros?

Jade: Eu não parei para pensar em outros... não sei se tem... no momento eu estou fazendo só a faculdade... já fiz

estágio... parte de monitoria que também é crescimento... para mim foi muito enriquecedor fazer parte de monitoria porque aí eu também eu vou dar o que eu estou aprendendo... pesquisa eu comecei mas não continuei... então eu não tenho como falar se seria enriquecedor para mim nesse sentido... como espaço acadêmico porque eu não participei... então eu não sei se seria legal... eu acho que os professores são bem preparados... por exemplo... agora estudamos o Rorschach... estou entusiasmada em aprofundar isso... eu acho que uma pesquisa seria bem importante para mim nesse sentido de trabalhar com testes... mas não tive a oportunidade ainda... então eu não sei te afirmar se é um espaço enriquecedor ou não... com certeza deve ser... onde você vai estar trocando... recebendo informações novas... mas para mim a monitoria foi boa...

Ao falar sobre possíveis espaços, Jade toca novamente na questão da troca com outros. Sua experiência também está diretamente ligada no “estar com outros” nesse processo de aprendizado. Aponta monitoria e pesquisa como espaços significativos de apropriação do saber de ofício, porém percebemos pouco entusiasmo. Parece que Jade vivencia uma certa apatia frente sua formação.

Rafael: A monitoria foi em que?

Jade: Foi em Psicologia social... mas foi em João Pessoa... eu comecei o curso lá e depois transferi para cá...

Rafael: Então... você falou que temos o espaço de sala de aula... a monitoria também é interessante... você falou sobre as aulas de Rorschach... também tem monitoria dela?

Jade: Tem... mas eu não poderia entrar porque eu estou pagando a disciplina agora... eu fui até convidada pela professora da disciplina... mas não pude fazer porque não terminei a cadeira ainda...

Rafael: E além disso?...

Jade: Os estágios... também aprendi muito nos estágios fora da universidade... extra-curricular... um estágio que eu fiz na área hospitalar foi muito enriquecedor para mim... porque eu vi a prática não é?... então a prática para mim foi importante... na sala de aula eu troco... porque eu acho que esse ambiente é importante demais... eu aprendo e dou... mas na prática eu exercito o que eu estou aprendendo em sala de aula... então o estágio... para mim... fora da universidade... foi importante demais... eu experienciei... vivenciei aquilo que eu estava estudando lá... o que eu sempre gostei de pesquisar que é na área de hospitalar... foi enriquecedor o estágio... eu pude colocar em prática muita coisa... apesar de não ter tido uma orientação muito boa... porque assim... a psicóloga que era para me orientar não era preparada... nem estava como psicóloga no ambiente de estágio... então assim... eu não tive uma orientação 100% mas... foi muito bom... eu tirava dúvidas com meus professores na universidade mesmo... porque eu não podia tirar com ela algumas... então... assim... acabou tendo uma complementação... os lugares essenciais onde eu aprendo são a sala de aula... que para mim eu não posso ficar sem... esse dar e receber... e a experiência fora da faculdade... para mim são os dois lugares que a gente pode aprender e pode se sentir bem preparado para entrar no mercado...

Ao falar da prática, que aconteceu fora do ambiente universitário demonstra mais entusiasmo e vigor. Avalia-o como rico e importante, salientando que este foi o espaço para o exercício, o treino, para dar uma significação ao que ela experimentou em sala de aula. Aponta já sua necessidade de transitar entre a teoria(sala de aula) e a prática. Vale salientar que ela vem considerando a relação com seus professores como algo importante, contudo seu estágio foi rico e significativo apesar de não ter tido uma boa orientação.

Rafael: Você tem... ou teve aulas práticas?

Jade: Não... só de experimental...

Rafael: E como foi?

Jade: Foi muito bom... eu gostei da minha experiência em experimental... eu fui bem orientada... eu gostei muito... a experiência foi ótima... eu consegui... eu recebi uma resposta boa do cliente... porque na área de experimental a gente atende algumas crianças especiais... eu tive um retorno bom do que estava sendo aplicado e por isso eu acreditei no que eu estava aprendendo... porque ali... o Behaviorismo eu questionava muito... porque eu achava que não tinha... que não era legal... e depois que eu fui a prática foi que eu vi... que eu confirmei que em alguns momentos... serve muito... principalmente na área do ensino... para a gente ensinar... principalmente pessoas com alguns problemas... que são especiais... que precisam de cuidados especiais... o Behaviorismo... para mim deu um retorno... então... essa prática que eu passei... experienciei... foi produtivo para mim...

Novamente Jade nos mostra como a prática se mostrou para ela como um espaço significativo, levando-a a dar uma nova significação à algo que ela só conhecia teoricamente, via sala de aula, e, segundo ela, era fonte de questionamentos. A prática se apresenta como um lugar de afetação que extrapola o conhecimento intelectual.

Rafael: E qual a tua expectativa quanto aos espaços que vem pela frente?

Jade: Que sejam boas... não é?... Eu espero que sejam boas... que eu tenha professores que consigam me orientar como outros me orientaram... a monitoria que eu já passei... nessa cadeira que teve prática também que eu passei... fui bem orientada... então eu espero seja... que eu tenha um retorno bom...

Neste ponto novamente percebemos, uma certa falta de entusiasmo com o espaço acadêmico que ela experimenta, apesar dela falar que tem boas expectativas. Parece que era algo que ela esperava, porém não visualizava muito bem como isso seria possível.

Rafael: Certo... tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer... acerca da formação...

Jade: Não... assim... eu acho que a formação... assim de um modo geral... nesse tempo que eu estou cursando... eu acho que precisa renovar os professores... as pessoas que estão ensinando... porque eu acho que tem professor que já deveria estar em casa, descansando, que já deu demais... isso às vezes prejudica o aluno porque ele não se sente incentivado... não sente motivação para trabalhar porque também acha que não está sendo motivado pelo professor... acaba se sentindo desmotivado... Eu já passei por muitas salas de aula... nas duas faculdades que eu cursei... em que os professores parecem estar cansados... e aí não passam como deveriam ou poderiam passar esse ensinamento... E vejo também alunos que não dão... não estão nem aí para o que querem aprender... então eu acho que para melhorar eu acho que é preciso repensar esse quadro de professores... se existe a possibilidade de colocar-se novos professores... que tenham mais disposição de aprender e de passar... que tenham mais paciência de ouvir também... porque tem muitos professores que não tem paciência de ouvir... isso eu tive porque já passei por algumas salas de aula que professores não escutam... não tem paciência de ouvir o questionamento do aluno e nem de responder com paciência também... e tem alunos que também não tem paciência de ouvir que não estudam que não colaboram para que o desenvolvimento seja positivo... então eu acho que o primeiro ponto tem que melhorar... eu acho que tem que repensar quem são os professores que estão agora... se eles não precisam de trocar... de se renovar o quadro... e também precisa-se mudar a consciência dos alunos... então... o que é que eles estão

fazendo ali... o que é que eles querem realmente?... querem ser psicólogos... eles não estudam, não questionam... e quando questionam, questionam bobagens, entendeu?... Assim... agora mesmo na disciplina que eu estou fazendo tem alunos que chegam e que a professora só falta se ajoelhar: "Por favor estudem!" ... ninguém estuda entende?... não está nem aí... os alunos chegam e está lá... então não se sentem incentivados... não sei se não se sentem incentivados... o que é que passam na cabeça desses que não querem... eu não sei... mas sei que tem muitos alunos que não estão nem aí para nada... eu acho que tem-se que repensar isso... o que é que está faltando para eles?... porque não estão crescendo... é isso...

Rafael: Mais alguma coisa?!

Jade: Não... acho que está bom.

Rafael: Então... muito obrigado!

Jade conclui fazendo uma reflexão interessante. Questiona a ação dos alunos nos seu caminho de formação profissional, revelando sua indignação com a falta de investimento destes. Vemos, também, que Jade é afetada pelo modo como seus professores agem, levando-a a crer que os mesmo já estão cansados, considerando, até, que eles estão sobrecarregados e exigindo uma renovação desta situação. Mostra indignação ao ver professores fazendo um esforço para que os alunos estudem, como se fosse um favor que os alunos fazem a estes.

Jade fala pouco, de forma curta e objetiva, nos parece que está experimentando a formação com certa apatia e indignação. Vivencia a relação com os professores e as práticas como a melhor via de apropriação do saber de ofício.

4.4 Compreendendo o Encontro com Vinicius

Rafael: Vinicius... eu gostaria de saber... na sua opinião... quais os espaços dentro do ambiente acadêmico... que fazem diferença... que são significativos... na tua formação como psicólogo?

Vinicius: Eu acho que as pesquisas... as oportunidades que a gente tem de ir para a prática... é o que faz valer a pena o curso... e... que dá uma visão melhor da teoria... é quando a gente vai para a prática... aqui na faculdade a gente ainda consegue uma abertura a mais... agora tem que correr atrás... porque a coisa não vem... acho que como qualquer universidade pública... não sei se é toda universidade... mas pelo menos na pública... você tem que correr atrás... a pesquisa não é diferente... se a gente consegue encontrar algum professor que pesquise... conseqüentemente a gente consegue ir à prática através dessas pesquisas... os espaços em que eu mais me identifiquei foi a prática... eu fiz pesquisa em saúde mental... e fiz com adolescente... e... eu fiz três pesquisas... agora não estou lembrado... prática mesmo de iniciar e finalizar é muito bom, é gratificante.

Vinicius já inicia nos mostrando um vigor e entusiasmo com sua formação. Apresenta a pesquisa e a prática como espaços que considera significativo em sua experiência. Também, já aponta uma responsabilização por este caminho, delegando a si mesmo o dever de “correr atrás”, sem esperar que o espaço se apresente espontaneamente.

Rafael: Como foram essas práticas...

Vinicius: Com adolescente mesmo é o que a gente chama de trabalho supervisionado... o professor tem uma pesquisa e a gente entra com a mão-de-obra... a gente vai pesquisar para ele... ao mesmo tempo a gente produz o material que é o relatório do trabalho supervisionado... que é embasado... é

como se fosse uma... o início de prática de pesquisa... a gente teve que constituir campo... a gente teve que ir atrás de uma escola... a gente teve que ir em várias escolas na verdade... teve o contato direto com os adolescentes... a gente levou um curso... uma oficina durante alguns meses... então... foi... foi toda a construção de uma pesquisa, entendeu?... como se faz... as variáveis que a gente tem que observar... o lidar no dia-a-dia... você ser pesquisador e ser membro daquele grupo... de acordo com a metodologia que permitia isso... que a gente fizesse parte daquele grupo... foi assim a construção... teve outra pesquisa que foi... em saúde mental... a gente decidiu... pesquisar a representação social dos ex-pacientes psiquiátricos... não é?... na volta deles... após ter sido internado... como é que seria a volta deles... como é que as pessoas representariam esse indivíduo, esse sujeito depois de ter voltado do internamento... então a gente foi atrás de hospital psiquiátrico... atrás de CAPS... ver nome de paciente... aqueles que a instituição liberasse que a gente fosse naquele contexto, naquele bairro... entrava em contato com ele e com a instituição para ver se a gente podia ir lá e aquilo não afetar no seu sofrimento psíquico... então a gente entrou em contato não só com ele como com a comunidade... todo o entorno de onde ele vivia... então a gente pesquisou... 20 pacientes... todos da zona norte... então a gente subiu e desceu morro... lidou com a periculosidade, não é?... então você está se arriscando, porque quer queira quer não a gente da universidade se veste de uma forma diferente... a gente é de classe média... por mais que a gente tente fugir disso... não tem jeito... a gente aparenta externamente... ser um estranho aquela comunidade... então isso também é uma coisa interessante dentro de uma pesquisa de campo... o fato de lidar com ex-paciente... alguns deles ainda estavam em surto... já tinham saído do hospital

mas ainda estavam com seu sofrimento, não é?... tudo isso... foi lidar tanto com a comunidade quanto com ele...

Vinicius nos fala, empolgado, de sua experiência em campo, deixando claro a marca deste espaço prático proporcionado pela pesquisa. Podemos considerar esta experiência como um exercício, um treino, do saber de ofício, posto que proporcionou o desenvolvimento de habilidades ao lidar com as diversas situações do cotidiano daquela de pesquisa.

Rafael: Certo... voltando ao que eu falei no começo... então para você... até agora... nesse momento da tua formação, o que está sendo significativo, o que faz diferença é a pesquisa?

Vinicius: A pesquisa... e eu confesso também que tem algumas disciplinas... e... também está sendo muito bom o espaço dentro do diretório acadêmico... também é um espaço importante na academia o movimento do estudante... isso também é motivador para mim... apesar de eu não fazer parte do diretório eu estou sempre apoiando eu estou sempre presente... também é um espaço... que é significativo na minha formação... e algumas disciplinas específicas... Mas com certeza... é o espaço da prática... porque a prática faz com que a gente corra depois atrás de livros... não fica só o professor dizendo pra a gente ir atrás de livros e a gente não tem uma motivação... com a prática é que a gente sente a necessidade... a agonia... a angústia... de sozinho ir atrás de livro que dê conta daquilo que... daquilo que a gente viu... da demanda da prática...

Vinicius nos apresenta o espaço da sala de aula como significativo, contudo de uma maneira interessante. Considera-a como pano de fundo em su formação. Acredita que ela deva dar suporte à prática, considerada por ela como espaço principal. Não privilegia a prática em detrimento da teoria, o que reivindica é uma articulação mais dinâmica entre a sala de alua, a pesquisa e a prática.

Rafael: Interessante... você falou no diretório acadêmico... me fala mais um pouco de como esse espaço é significativo?...

Vinicius: Porque a gente está em contato direto com os movimentos sociais... o movimento estudantil é um dos movimentos sociais... e estando ligado a movimento social, você está ligado à demanda da sociedade... você sabe exatamente o que é que hoje a nossa sociedade precisa... qual é o sofrimento dela... aí que é um olhar da nossa formação... da Psicologia... qual é o sofrimento dela... o que é que ela trás para nós... que a gente como futuro profissional possa atuar... quais são os espaços em que a gente vai poder atuar dentro da sociedade... eu acho que é nesse sentido que o diretório ele auxilia... e como é movimento estudantil, é um movimento social, é demanda... o pessoal lá sabe... que frequenta o diretório... eu também encontro essa vontade de mudar a sociedade... e como eu acredito que eu escolhi uma profissão... uma atividade... que eu possa influenciar diretamente na sociedade... aqui e na pesquisa... ali eu vejo diretamente a demanda da sociedade... no diretório eu também vejo pessoas que tem essa preocupação... preocupação de mudar a sociedade que a gente vive... eu acho que é isso... as pessoas se afinam comigo... nesse sentido de um objetivo maior para depois da formação... por isso que eu gosto de estar lá... a relação com essas pessoas é significativa... nesse sentido de pensar a formação eles pensam muito parecido comigo... de pensar em como a gente pode interferir na realidade... eles pensam muito parecido... então está ligado diretamente a minha relação com eles... por a gente ter um objetivo semelhante.

Aponta-nos também o diretório acadêmico como um outros espaço significativo. Parece buscar uma integração em sua formação, experimenta-a como um local de

possibilidades diversas em que ele vai agregando os espaços e situações, criando uma teia de interesses que permeiam todo o seu percurso até agora.

Rafael: Você também falou em algumas aulas... porque algumas aulas e outras não? Fala mais sobre isso...

Vinicius: Certo... eu acho que é a forma como o professor pensa o mundo... a forma como... a forma como ele pensa o mundo... tem professores que se colocam maravilhosamente bem... que tem uma teoria muito boa... e nem assim eu fico encantado por isso... alguns ficam... eu não fico... o que me encanta é a forma como ele vê o mundo... como ele se pensa também... se comunga do objetivo de encarar esse curso daqui que a gente faz como um instrumento de mudar o mundo... de entender o sofrimento humano de outra forma... de uma forma diferenciada... é isso que faz uma aula ser diferente de outra aula qualquer... é a forma como o professor pensa o mundo e como transmite isso... para mim!... se eu vejo que ele também é uma pessoa que pratica o que ele fala... isso me dá... isso entusiasma a crer... porque é crença... é crer no que ele fala... no que ele passa para mim dá... dá muito mais... veracidade... que é um cara que pratica que... é um cara que pensa o mundo de um forma interessante...

Voltamos a perceber a importância da afetação das atitudes dos professores como significativo para o aluno. À medida em que Vinicius sente uma atitude comprometida no fazer de seus professores, ele também vai se colocar, ou não, em uma atitude de aprendiz. Mostra como este aspecto pode marcar a trilha e as escolhas do aluno ao longo de sua formação acadêmica.

Então... volto para a prática... o espaço de prática que já falei... e ele é pouco... eu acho que aqui na minha universidade... eu acho que tem um espaço maior... tem núcleo de pesquisa... tem pessoas que são... pesquisadores mesmo... CNPQ... dos órgãos de pesquisa etc... um pouco mais... mas

ainda assim é... a universidade não... ainda assim com a pesquisa ela ainda não se liga à prática... à nossa realidade... às vezes ela pesquisa, pesquisa... mas não sai do canto...

Rafael: Como se pesquisasse por pesquisar...

Vinicius: Por pesquisar... que chamam de masturbação intelectual, não é?... fica nessa mastigando aquela coisa intelectual... a gente tem aqui bem forte na Psicologia da gente toda a parte de cognição... e o que eu vejo é mais do mesmo o tempo todo sabe... aquela pesquisa de como a matemática influencia... na aprendizagem do português, sabe?... aí fica nessa... 80 pessoas na pós-graduação estudando a mesma coisa a 80 anos... aí pronto... a universidade é forte na pesquisa... essas pesquisas não estão ligadas à prática... estão, mas... sabe?... é uma fatia muito pequena frente ao que a gente pode contribuir... em relação à identidade profissional do psicólogo... isso é muito pouco... dentro daquilo que a gente pode fazer... em termos de prática... eu acho que a gente está num negócio que é para praticar... eu quero eu penso em lecionar uma época... eu penso em estar dentro da academia... mas não com essa coisa de ficar nessa masturbação intelectual... nesse mais do mesmo... eu quero primeiro ir para a prática... essa é minha ânsia... eu quero ir para prática... eu quero fazer as pesquisas que eu tenho pra fazer... uma perspectiva de atuação... eu quero atuar eu quero fazer tudo isso... para depois ir ao espaço acadêmico e trazer um pouco dessa prática... articulado com a teoria... é importante a teoria, não é?... mas vinculado à prática a teoria só por teoria... na biblioteca tem um monte...

Reivindica uma postura mais comprometida da pesquisa coma multiplicidade de campos e modos de atuação do fazer psicológico, no sentido de prestar um serviço à demanda social.

Rafael: Hum... sim... e daqui pra frente... no curso... quais espaços você imagina que possam existir... ou que você sabe que existem... e que você ainda não vivenciou... e que podem ser significativos pra você?

Vinicius: A gente tem... e eu vou passar por uma coisa que é legal... eu estou doido que chegue logo... que é a prática de pesquisa... e o estágio, não é?... esse espaço da prática... eu quero trabalhar... eu ainda não sei... acho que vai ser em clínica, mas não sei ainda onde eu vou fazer o estágio... eu queria que fosse em um lugar conveniente... um lugar que me satisfizesse... e a prática de pesquisa também... que é quando a gente pesquisa... que eu já fiz um trabalho supervisionado, só que é uma coisa maior... é um projeto meu não é?... o aluno tem um projeto e ele vai atrás de campo... ele vai... faz tudo... ele que vai ter a idéia... vai concretizar uma idéia própria... Aí esses são os dois espaços da academia que eu espero... que vai existir, não é?... que guardo uma expectativa...

Rafael: Certo... e disso tudo que a gente conversou teria alguma coisa que você gostaria de acrescentar ainda? Em relação à questão dos espaços que se apresentam como significativos na tua formação... na sua opinião...

Vinicius: Eu acho que falta uma articulação da universidade com o mundo lá fora... e não 4 anos de academicismo e um ano de prática... depois de você ficar tão acadêmico sabe... a coisa já deveria ser... a coisa não vem da prática... uma inferência através do método científico da prática... a gente deveria estar o tempo todo interligado com a prática... interligado com o contexto... a gente vive em um bairro que a gente não sabe de nada... vive porque eu estudo aqui 7 horas por dia... a manhã inteira aqui até o início da tarde... e como eu moro aqui na várzea... eu sei de muita coisa do meu bairro... mas as pessoas vem para cá... passam

essas mesmas quantidade de horas... moram em candeias e não sabem nada do seu bairro... não sabem nada do contexto onde estão vivendo... do lugar que estão ocupando... então está faltando... está faltando alguma coisa... não que a universidade vá salvar o mundo... mas não é um espaço que se propõe a construção do conhecimento... a construção do conhecimento para mudar o próprio mundo... então... o lugar era aqui mesmo... no em torno da universidade onde deveria ser o lugar da própria prática... é isso que falta... é isso que falta... estar mais atrelado... não era pra gente pensar separado: ensino, pesquisa e extensão... era pra coisa estar toda... misturada... é isso.

Rafael: Ok... Obrigado.

A experiência de Vinicius parece estar sendo marcada pelas descobertas que teve ao pesquisar. Demonstra um interesse significativo pela prática psicológica como meio de responder às demandas sociais.

Nos mostra, também, que os espaços não se fazem significativos por causa, somente, das atividades desenvolvidas, mas, sobretudo, pela afetação proporcionada. Esta situações o convocam à responsabilidade implícita nos seu fazer profissional.

5 REFLEXÕES PARA FORMAÇÃO

As experiências proporcionadas pelos alunos participantes da pesquisa possibilitaram-nos compreender aspectos muito pertinentes à especificidade desta formação que, muitas vezes, não é apreciada nas esferas em que se propõe a discuti-la.

Inicialmente foi interessante perceber o fato de que nenhum dos alunos fez referência a questões relativas à grade curricular, apesar de elaborarem críticas ao modo como o conteúdo das disciplinas é trabalhado. Mesmo assim, as disciplinas são consideradas como algo de grande importância, pertinência e validade no percurso da formação.

O fato dos alunos pertencerem a instituições públicas ou privadas, não se mostrou relevante. Podemos compreender que a trilha da formação é algo que transcendeu, na perspectiva abordada nesta pesquisa, o âmbito da natureza das instituições formadoras. Compreendemos, ainda, que tanto a pública quanto a privada, contemplam os espaços de legitimação do saber de ofício de uma forma similar.

Partimos do pressuposto que o objetivo da formação é proporcionar uma construção legítima e consistente, de um saber de ofício que permita, ao psicólogo formado, exercer sua profissão dentro dos parâmetros propostos pelas diretrizes curriculares, definidas na Resolução nº 8 (BRASIL, 2004). Na medida em que o saber de ofício do psicólogo é o próprio saber tácito (FIGUEIREDO, 2004), uma atenção à incorporação e legitimação deste saber, se apresenta com primordial importância.

As experiências abordadas, pelas narrativas apresentadas, indicaram que os alunos elegem diversos espaços significativamente importantes no processo de apropriação do

saber. Entretanto, percebemos certas convergências em suas experiências.

O exercício prático aparece, repetidamente, como um desses espaços. A prática dinamiza o processo de aprendizagem, posto que imbrica a teoria contemplada nos anos anteriores, com o exercício profissional que só vem a acontecer, via de regra, no final do curso.

Os espaços com caráter mais voltado à transmissão de conceitos e teorias, como o espaço da sala de aula, tendem a ser experimentados como ambientes menos significativos. Porém, ao longo da narrativa, os alunos retomam o espaço da transmissão teórica, atribuindo-lhe uma importância fundamental. As narrativas, especialmente as de Graça e Jade, apontam a relação professor-aluno como situação marcante na formação.

Na medida em que o aluno passa grande parte do curso recebendo as teorias e conceitos em um modelo informativo, ele fica imerso em uma abstração, apontada nas narrativas, que o levam a experimentar a ciência psicológica como algo mágico, fantástico. Além disso, o aluno vai experimentando uma sensação de assujeitamento em relação às normas e regras definidas nas teorias e conceitos que se apresentam, reduzindo à prática psicológica a uma ciência aplicada, ou seja, reduzindo a prática a aplicação dos conceitos aprendidos em sala de aula.

O modelo acadêmico atual geralmente situa a prática, o estágio supervisionado, mais próximo ao final do curso. O aluno que chega neste espaço prático precisa lançar mão do conhecimento adquirido nos anos anteriores para iniciar, e dar seqüência, a sua ação profissional. A supervisão consiste em uma situação de acolhimento e cuidado, que tece nexos entre o que foi aprendido e o que está acontecendo na ação do aluno, em seu fazer de ofício.

O aluno acaba atribuindo à prática, praticamente, quase todo o mérito de sua profissionalização. Este mérito é legítimo, porém seria equivocado compreender que somente a prática ensina a profissão.

O que acontece é que a aprendizagem significativa promovida pela prática, tece os nexos que leva o aluno a legitimar o seu saber de ofício. O aluno pode se perceber autor de seu fazer, assim, legitimando-se.

(...) o fenômeno da *aprendizagem* marca a sua presença na experiência humana como forma de transformação, como momento de criação de sentido. O *significado sentido* diz respeito, justamente, a esse momento de criação no qual dimensões cognitivas e afetivas se integram, num processo de aprendizagem *quente*, por assim dizer. (MORATO E SCHMIDT, 2002, on line, grifos dos autores).

O saber de ofício é exercido através conhecimento que já se encontrava tácito, mas que, sem a prática, sem a ação, não era percebido pelo aluno como tal. À medida que ele vai sentindo que *sabe fazer*, sente-se legitimado e acredita ter, finalmente, alcançado seu objetivo.

Esta situação retoma o sentido no qual a ciência psicológica se originou, onde as teorias e sistemas psicológicos são elaborados a partir das práticas desenvolvidas pelos profissionais, e não no sentido inverso.

Tudo isto denuncia e legitima as críticas a um sistema educacional que supervaloriza a informação, em detrimento da experiência, na transmissão de conhecimento.

Os espaços acadêmicos que proporcionam a legitimação do saber de ofício, pelo próprio aluno que incorpora este saber, não se define, somente, pelas atividades desenvolvidas nestes espaços. A ação de um facilitador, seja supervisor, seja professor, é o que vai possibilitar situações para incorporação do saber que vai, por sua vez, tecer, de fato, os conhecimentos envolvidos na dimensão afetivo-cognitiva. Bacchi

(1999, p. 213) considera a supervisão como uma "tarefa árdua à medida que pressupõe a transmissão de algo que diz respeito à apropriação interna de um modo de ser".

A supervisão tem se apresentado como o único momento possível que contemple o aluno em sua dimensão afetivo-cognitiva, à medida que o leva a entrar em contato consigo mesmo e a tomar consciência do conhecimento que não era percebido como, já, tácito. Além disso, a supervisão possibilita, ao aluno, desenvolver o seu próprio modo de articular os conhecimentos adquiridos.

Transitar neste ambiente, mostrou-se uma tarefa árdua e sofrida, que promove uma intensa afetação nos alunos, porém, como já foi dito, nem sempre é digno de preocupação por parte das instituições formadoras. O que as narrativas apontaram sobre este aspecto é que estas afetações eram consideradas com "assim mesmo", não merecendo um questionamento mais profundo nem a promoção de ações que visem um cuidado para aluno nesta direção.

Desta maneira, a formação acadêmica não apresentou, somente, a necessidade de ampliar espaços de prática para os alunos. Mas, também, de promover espaços que contemplem situações onde o aluno seja apreciado nesta dimensão afetivo-cognitiva, pois, tais situações ficam delegadas, somente, ao final do curso, no estágio supervisionado.

Morato (1999, 2001), Schmidt (1999), Bacchi (1999), Kovács (1999, 2004) demonstram um espaço de supervisão que não se limite a dar uma orientação técnica, ou seja, não se limite na execução correta das tarefas. Uma supervisão que objetive, além disso, a possibilidade do aluno refletir sobre sua prática, considerando-se como parte do trabalho desenvolvido, como instrumento do seu fazer. Deste modo, não é possível delegar à técnica, ou a abordagem, a responsabilidade pelo trabalho desenvolvido. Esta modalidade de supervisão é chamada, por estes autores, de Supervisão de Apoio

Psicológico, consistindo não só em uma atividade de treinamento, mas, sobretudo, clínica.

O que define este tipo de situação é o seu modo de condução/facilitação. A figura do facilitador se coloca como agente promotor do trânsito entre: a condição de submissão frente ao saber instituído e a responsabilidade autoral frente à demanda que o convoca. Lançando mão da ação clínica como instrumento para promover o cuidado e a atenção a estas demandas.

A pesquisa nos mostrou, também, que proporcionar estes espaços não é uma tarefa de fácil execução, como se poderia imaginar em um momento inicial. No percurso de nossa investigação, percebemos que os alunos de psicologia, muitas vezes, reivindicam tais espaços de atenção ao seu processo de incorporação do saber. Porém, no momento em que o espaço se apresenta, é menosprezado e desvalorizado pelos mesmos. Isto fica mais evidente na fala de Graça, ao apontar o descaso e a falta de compromisso com o momento de supervisão. Bem como na narrativa de Jade, que não compreende por que seus colegas se apresentam tão desleixados em relação à formação. Além disso, nossa pesquisa, inicialmente, se propôs a promover um espaço em grupo para contemplar a dimensão cognitivo-afetiva da formação. Entretanto, não pode ser efetivado pela falta de assiduidade dos alunos convidados.

As narrativas mostram que cada um vai eleger espaços e situações significativas, de acordo com sua experienciação no percurso acadêmico. Por exemplo: na experiência de Graça a pesquisa se configurou como uma atividade importante, porém, para ela, divergia da prática psicológica; já para Vinicius, a pesquisa foi um espaço marcante em sua experiência, justamente por ser, até então, o seu principal exemplo de prática psicológica.

Em nossa pesquisa compreendemos que o espaço da prática psicológica é o ambiente principal de legitimação do saber de

ofício do psicólogo. As narrativas não apontam para uma inversão, no sentido de diminuição das disciplinas teóricas para ampliação das práticas. Elas alertam que a promoção de mais espaços que contemplem, não só a prática, mas a experiencição do saber de ofício profissional, seja em sala de aula, pesquisa, extensão, estágio ou, até, em atividades extras que tenham este objetivo. Este tipo de espaço potencializa a formação do psicólogo, formando profissionais mais capazes, apropriados e comprometidos em atender às demandas do cotidiano desta profissão.

O intuito desta pesquisa foi lançar um olhar sobre a formação em Pernambuco, ampliando esta discussão e proporcionando reflexões para possíveis significações na formação do psicólogo na região, para todos que se encontram comprometidos com a formação do psicólogo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras Escolhidas, v.1.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer n°: CNE/CES 1.314/2001 - COLEGIADO: CES - Aprovado em: 7/11/2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces08_04.pdf> Acesso em: 15 de novembro de 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer n°: CNE/CES 0062/2004 - COLEGIADO: CES - Aprovado em: 19/2/2004a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces062.pdf>> Acesso em: 15 de novembro de 2005.

BRASIL. CNE/CES Resolução 8/2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de maio de 2004b, Seção 1, p.16.

CABRAL, B. E. B. e MORATO, H. T. P. Considerações metodológicas a partir da formulação de uma questão para pesquisa. In: **Interlocuções**. REVISTA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UNICAP. Recife: FASA, janeiro-dezembro, 2003, ano 3, n. 1/2.

CARDOSO, L. M. **Da experiência do escutar/dizer do psicólogo - na narrativa daqueles que dela partilham - a um sentido clínico apontado**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.

CARVALHO, A. C.; BACCHI, C. e KOVÁCS, M. J. A formação de psicólogos: um serviço a serviço de alunos. In: MORATO, H. T. P. (org.). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 235-250.

CARNEIRO, V. T. **Tornando-se Psicólogo Clínico**. 188f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em:
<www.houaiss.uol.com.br/busca.jhtm> Acesso em: dez/2005.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio do Século XXI**: O dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Teorias e Práticas na Psicologia Clínica**: um esforço de interpretação. In: IV ENCONTRO DA ANPEPP. (Palestra). Brasília: maio de 1992.

_____. Sob o Signo da Multiplicidade. In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. **Núcleo de Estudos e Pesquisas de Subjetividade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia clínica da PUC-SP**. São Paulo: 1993, v.1, n.1.

_____. **Escutar, Recordar, Dizer**: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica. São Paulo: EDUC/Escuta, 1994.

_____. **Questões ontológicas (e pré-ontológicas) na pesquisa dos processos de singularização**. Mimeo. 1996.

_____. **Temporalidade e narratividade nos processos de subjetivação da clínica psicanalítica.** In: XXVI CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA. (Palestra). Julho de 1997.

_____. **Matrizes do Pensamento Psicológico.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____; SANTI, P. L. R. **Psicologia, uma (nova) introdução;** uma visão histórica da Psicologia como ciência. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2003. (Série Trilhas).

_____. **Revisitando as Psicologias:** da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Temporalidade e Narratividade nos processos de subjetivação da clínica psicanalítica.** In: XXVI CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA. Julho de 1997.

MORATO, H. T.P. **"Eu-Supervisão":** em cena uma ação baseado no significado sentido. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), São Paulo, 1989.

_____; SCHMIDT, M. L. S. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, H. T. P. (org.). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa:** Novos Desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 117-130.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e Tempo.** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. Tradução de Manoel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROCHA JR., A. Das discussões em torno da formação em Psicologia às diretrizes curriculares. In: PSICOLOGIA: TEORIA E PRÁTICA. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999, n. 1(2), p. 3-8.

SCHMIDT, M. L. S. e MORATO, H. T. P. **Aprendizagem significativa**: informação e narrativa (2002). Disponível em: <www.imaginario.com.br/artigo/a001_aoo30/a0004-01.shtml> Acesso em: outubro de 2004.

SERRES, M. **Filosofia Mestiça**. Le tiers-instruit. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.